

# ECOSSISTEMA DE INFORMAÇÃO: DIAGNÓSTICO JUNTO AOS COMUNICADORES INDÍGENAS DA

## REDE WAKYWAI EM RORAIMA



# SUMÁRIO

1. Lista de Siglas	3	11.2 Comunicação oral	24
2. Resumo Executivo	4	12. Necessidades e Lacunas de Informação	25
2.1 Principais aprendizados	6	13. Principais barreiras no acesso à informação	27
2.2 Recomendações	6	14. Confiança	28
3. Sobre o projeto Enraizado na Confiança no Brasil	8	15. Compartilhamento de informações	29
3.1 Metodologia	8	16. Impactos na realidade e no cotidiano	30
3.2 Limitações	9	16.1 Circulação de rumores sobre a	
4. Contextualização das comunidades indígenas de Roraima	11	COVID-19 e a vacinação	30
5. COVID-19 e os indígenas de Roraima	14	16.2 Saúde Mental	31
6. Mídia no Norte do Brasil	16	16.3 Medicina tradicional indígena	31
7. Mídia no Estado de Roraima	17	17. Conclusão	33
8. TV, Rádio e Portais de Notícia Online	19	18. Referências	35
9. Internet e Redes Sociais	20	19. Créditos e reconhecimentos	39
10. Órgãos governamentais e ONGs	21	20. Anexos	40
11. Organização comunitária indígena e divulgação de informações	23		
11.1 Tuxauas e o Conselho Indígena de Roraima	23		

# 1. LISTA DE SIGLAS

## ■ AIS

Agentes Indígenas de Saúde

## ■ APIB

Articulação dos Povos Indígenas do Brasil

## ■ CIFCRSS

Centro Indígena de Formação e Cultura Raposa Serra do Sol

## ■ CIR

Conselho Indígena de Roraima

## ■ CIMI

Conselho Indigenista Missionário

## ■ COIAB

Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira

## ■ DEI

Diagnóstico do Ecossistema de Informação

## ■ DSEIs

Distritos Sanitários Especiais Indígenas

## ■ Funai

Fundação Nacional do Índio

## ■ Unicef

Fundo das Nações Unidas para a Infância

## ■ GPVITI

Grupo de Proteção e Vigilância dos Territórios Indígenas



## ■ IBGE

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

## ■ Imazon

Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia

## ■ IEB

Instituto Internacional de Educação do Brasil

## ■ ISA

Instituto Socioambiental

## ■ OMS

Organização Mundial da Saúde

## ■ OIM

Organização Internacional para Migrações

## ■ OPAN

Operação Amazônia Nativa

## ■ ONGs

Organizações Não Governamentais

## ■ SESAI

Secretaria Especial de Saúde Indígena

## ■ TI

Terras Indígenas

## 2. RESUMO EXECUTIVO

O estado de Roraima é o menos populoso do Brasil, ao mesmo tempo que possui a maior concentração populacional indígena em relação aos demais grupos de habitantes: 11% da população total residente na região é autodeclarada indígena, representando assim o maior percentual desse grupo populacional do país, proporcionalmente. Segundo estimativas do IBGE e do Instituto Socioambiental (ISA), residem o total de 605 mil habitantes nos 224 mil km<sup>2</sup> que compreendem o estado, sendo mais da metade residente apenas na capital, Boa Vista.<sup>1</sup> Desse total, estima-se uma população autodeclarada de 56 mil indígenas, dos quais 83,2% vivem em áreas de Terra Indígena demarcada.

Em termos territoriais, o estado conta com 33 Terras Indígenas (TIs) reconhecidas, segundo a legislação brasileira, sendo uma delas com a demarcação ainda não concluída. Elas representam 46,20% do território do estado, nas quais vivem pelo menos 11 povos indígenas, segundo registros oficiais da Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Apesar da dimensão territorial e da diversidade étnica presente no estado de Roraima, os povos indígenas da região enfrentam muitos desafios que põem em risco seus direitos. Desde as constantes invasões de fazendeiros em seus territórios, passando pelo avanço da extração ilegal de minérios e madeira, até as pressões das lideranças políticas locais e nacionais para a aprovação de uma série de projetos de leis para regularizar essas violações. A tese jurídica conhecida como “Marco Temporal”, que propõe a revisão da atual política de reconhecimento e demarcação dos territórios indígenas, talvez seja o projeto de lei mais alarmante, embora não seja o único. Em suma, todos esses são desafios que evidenciam como os direitos indígenas no Brasil ainda permanecem fragilizados e pouco reconhecidos.

No que diz respeito à cobertura jornalística, Roraima é um dos estados com o maior índice de desertos de notícia no país, isto é, regiões que não possuem imprensa local e/ou independente. Isso significa que poucos veículos jornalísticos locais cobrem a realidade das comunidades indígenas, sendo a maioria replicadores de notícias de âmbito nacional e

internacional. Soma-se a isto o fato de que os povos indígenas da região e a grande mídia mantêm uma relação desgastada e marcada por conflitos, principalmente porque a maioria dos veículos de mídia tradicionais da região pertencem a políticos e suas famílias, cujos interesses vão na contramão dos direitos indígenas. Isso impede que os povos indígenas confiem nos grandes jornais locais como fontes de informação. Essa agenda conhecida como anti-indigenista, alimentada pela imprensa do estado, é a razão pela qual as lideranças indígenas de Roraima não consideram que ela represente adequadamente a realidade de suas comunidades.

Em razão desse contexto, os indígenas de Roraima têm organizado estratégias próprias para garantir a defesa de seus direitos e territórios. Em relação à comunicação, destaca-se a criação do Departamento de Comunicação do Conselho Indígena de Roraima (CIR), a maior organização indígena que atua no estado, desde a década de 70. Além disso, o coletivo de comunicadores indígenas vinculado ao CIR, chamado Rede Wakywai (“Nossa Notícia”, na língua indígena Wapichana), é outra dessas iniciativas de comunicação voltada para o contexto das comunidades indígenas. Criada em 2019, a Rede Wakywai já formou cerca de 30 comunicadores indígenas que atuam em diferentes territórios indígenas, com o objetivo de atender as demandas de comunicação e divulgação do Movimento Indígena sobre suas próprias atividades, sendo, portanto, extremamente importante durante o período pandêmico, quando as TIs estavam em isolamento.

As lideranças indígenas, representadas sobretudo na figura dos Tuxauas (principal liderança política indígena) e de suas associações comunitárias e coletivas, como o Conselho Indígena de Roraima (CIR)<sup>2</sup>, são as fontes de informação que mais inspiram confiança entre os indígenas de Roraima. O CIR tem apostado na comunicação através das redes sociais, visto que elas são muito presentes entre os indígenas de Roraima, apesar das dificuldades de acesso à internet que impactam grande parte dessa população. Outras organizações indígenas como a COIAB foram apontadas como fontes confiáveis e



<sup>1</sup> O último censo realizado foi em 2010 e a estimativa se refere ao ano de 2019. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados.html?view=municipio>> e <<https://indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-indigena/download>>, e também em <[https://pib.socioambiental.org/pt/Localizacao\\_e\\_extensao\\_das\\_Tis](https://pib.socioambiental.org/pt/Localizacao_e_extensao_das_Tis)>.

## 2. RESUMO EXECUTIVO



FOTO: JACYR SOUZA

parceiros dos indígenas de Roraima.

No que diz respeito ao panorama governamental, a confiança nas instituições indigenistas se encontra bastante fragilizada. Instituições do governo, como a Funai e a Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), por exemplo, foram recentemente apontadas como fontes de informação não confiáveis: os indígenas entrevistados disseram que os

<sup>2</sup> O CIR não atua diretamente apenas junto aos Yanomami, que possuem uma associação própria chamada Hutukara, embora mantenha sempre diálogo com as etnias Yekuana e Yanomami.

dados divulgados pelos órgãos públicos sobre a pandemia da COVID-19 não condiziam com a realidade, além de constatarem o fato de que tais instituições não estão em diálogo com as necessidades das comunidades indígenas, sobretudo diante das diversas declarações públicas dos seus gestores durante o governo do presidente Jair Bolsonaro (2019 – 2022). Isso tem o potencial de afetar o relacionamento das comunidades com os Agentes Indígenas de Saúde (AIS), que, ainda que normalmente sejam membros das próprias comunidades onde atuam, estão vinculados à SESAI, órgão vinculado ao Ministério da Saúde.

Mais adiante serão apresentados os dados e a metodologia utilizada neste estudo, que se desenvolveu em parceria com vários comunicadores indígenas de Roraima, responsáveis pela condução de entrevistas com interlocutores-chaves em suas comunidades, e apoiaram a construção dos questionários utilizados nas entrevistas. Os comunicadores indígenas também participaram de grupos focais, em uma oportunidade de expressarem, segundo seus pontos de vista, como funciona a dinâmica da circulação de informações entre as comunidades indígenas do estado.

## 2. RESUMO EXECUTIVO

### 2.1 PRINCIPAIS APRENDIZADOS

1. Os povos indígenas valorizam muito suas relações sociais locais estabelecidas e mantidas presencialmente, e a forma de comunicação mais utilizada é aquela feita no “boca a boca”. As lideranças comunitárias organizam frequentemente rodas de conversa e reuniões para discutir temas relevantes entre os membros de suas próprias comunidades, além das Assembleias Gerais organizadas anualmente pelo CIR, consideradas um dos eventos políticos mais importantes por propiciar essa comunicação entre as diferentes etnias coletivamente.
2. As lideranças indígenas, representadas nas figuras dos Tuxauas e das suas associações, principalmente o CIR, são as fontes de informação que mais inspiram confiança entre os indígenas de Roraima.
3. Os indígenas têm instituído estratégias próprias de comunicação, que envolvem programas de rádio, jornais locais, grupos de WhatsApp, e coletivos de comunicação como a Rede Wakywai, formada por jovens comunicadores indígenas.
4. Em vista do cenário de invasões das terras indígenas de Roraima, os comunicadores do estado, especialmente os comunicadores indígenas ligados ao CIR, tem atuado não somente como transmissores de informação, mas como canais de denúncia.
5. Grande parte das comunidades indígenas de Roraima vivenciam dificuldades no acesso à internet. Mesmo assim, muitas dessas pessoas utilizam as redes sociais, especialmente o WhatsApp.
6. Instituições governamentais indigenistas, como a Funai e a SESAI, não são vistas como fontes confiáveis de informação. As informações divulgadas por



elas durante a pandemia, em geral, não se comprovaram eficazes ou alinhadas às recomendações consensualizadas pelas organizações internacionais de saúde, e tampouco eram contextualizadas para as realidades das diferentes comunidades indígenas.

7. A pandemia trouxe muitas consequências desafiadoras para as comunidades, como perdas de pessoas, o distanciamento e isolamento social, além do desemprego e das dificuldades econômicas. Tudo isso resultou em um aumento na busca por serviços de apoio à saúde mental.
8. A confiança nos seus conhecimentos empíricos ancestrais em relação ao uso das suas medicinas tradicionais se destacou entre as comunidades indígenas, diante do excesso de informações sobre a pandemia da

COVID-19 e da insegurança do que era verdadeiro ou falso em relação à contaminação, sintomas e tratamento.

### 2.2 RECOMENDAÇÕES

#### Ao setor humanitário, recomenda-se:

1. Apoiar atores comunitários vistos como confiáveis pelas comunidades, em organizações em rede e em coletivos voltados especificamente para comunicação e informação. Isto deve ser proporcionado por meio 1) eventos e oficinas sobre comunicação e engajamento comunitário; 2) estabelecimento de contatos entre comunidades e agentes da mídia 3) treinamentos e capacitações às comunidades; 4) destinação de recursos, financiamento e bolsas que possam instrumentalizar e qualificar a comunicação comunitária.
2. Capacitar jornalistas e acadêmicos do curso de Comunicação Social na temática indigenista, criando uma aproximação entre comunicadores e jornalistas indígenas e não indígenas. A aproximação, a formação adequada e o engajamento desses atores com as realidades das comunidades tradicionais locais têm o potencial de estabelecer uma relação entre os povos indígenas e os profissionais da comunicação, criando um espaço competente para atuações em parceria que desenvolvam uma comunicação mais sensível e fidedigna às temáticas e demandas indígenas, e que deem visibilidade à agenda indígena.
3. Articular estratégias para combater a invasão aos territórios indígenas, inclusive dando suporte aos comunicadores que atuam na cobertura e denúncia desses casos. Uma das reivindicações dos povos indígenas é que seja desenvolvido um programa de treinamento e capacitação dos indígenas para o monitoramento e vigilância de seus territórios. Para viabilizar



um programa desta natureza é necessário assegurar recursos, equipamentos e suporte técnico.

**4.** Apoiar a adequação dos serviços de saúde básica, em diálogo com a realidade e os contextos das comunidades e respeitando a medicina tradicional. A adequação destes serviços tem o potencial de apoiar as comunidades em futuras crises sanitárias de saúde.

**5.** Ao setor humanitário e a demais organizações da sociedade civil, recomenda-se priorizar as demandas por suporte psicológico das comunidades, garantindo um atendimento contextualizado e que considere as mudanças e os impactos causados pela pandemia com efeitos na saúde mental destas comunidades.

### À mídia, aos jornalistas e aos comunicadores, recomenda-se:

**1.** Co-produzir peças jornalísticas e informativas que envolvam imprensa e as redes de lideranças das comunidades locais, de forma a restabelecer relações de confiança entre cidadãos e comunicadores. Serão bem recebidas propostas de produção jornalística ou informativa (projetos comunicativos, matérias, reportagens, etc) que sejam participativos, valorizem a realidade sociocultural das comunidades, e promovam engajamento comunitário e a disseminação de informações seguras, atualizadas e confiáveis.

**2.** Incentivar o compartilhamento e a criação de notícias voltadas para canais de comunicação que são mais utilizados e acessíveis em comunidades indígenas mais

distantes, como o WhatsApp e rádios comunitárias. O uso destes canais de comunicação populares deve promover o acesso a informações confiáveis e seguras, e garantir que as informações alcancem as comunidades indígenas mais distantes ou sem acesso pleno às tecnologias de transmissão de informação.

**3.** Criar estratégias de comunicação que vão além dos formatos de texto, vídeos e áudios, mas que possam também abranger abordagens presenciais de diálogo com as comunidades, como grupos de escuta, reuniões e visitas domiciliares. Considerando que a comunicação presencial e “boca a boca” é vista como uma das formas mais recorrentes e confiáveis de se estabelecer comunicação, estratégias e abordagens que privilegiem esse formato serão bem recebidas pelas comunidades.

### Às comunidades, recomenda-se:

**1.** Fortalecer a rede de comunicadores indígenas ligados ao Conselho Indígena de Roraima (Rede Wakywai), garantindo sua sustentabilidade e o amadurecimento dos comunicadores envolvidos.

**2.** Organizar encontros locais, regionais e nacionais entre comunicadores indígenas e indigenistas, permitindo a troca de experiências e saberes. Apesar de ser uma demanda dos comunicadores que atuam nas organizações indígenas que valorizam o intercâmbio de conhecimentos, encontros desta natureza ainda não ocorrem de forma coordenada. Esses encontros podem contribuir para a definição de estratégias e para uma atuação conjunta entre comunicadores indigenistas de todo o país.



# 3. ENRAIZADO NA CONFIANÇA

O projeto Enraizado na Confiança foi desenvolvido como uma resposta à pandemia da COVID-19. Seu objetivo é fortalecer os ecossistemas de informação, através de ações que promovam engajamento e escuta comunitária, nas temáticas de meios de informação, circulação de rumores, COVID-19 e vacinação. No Brasil, o Enraizado na Confiança 2.0 tem atuado junto a comunidades indígenas e quilombolas dos estados do Amapá, Pará e Roraima desde o começo de fevereiro de 2022. O Diagnóstico do Ecossistema de Informação (DEI) é o primeiro passo para entender o ecossistema de informação de uma comunidade indígena. Este diagnóstico foi desenvolvido em parceria com Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB), e envolveu comunidades indígenas de oito etnorregiões do Estado de Roraima.

O objetivo do DEI é compreender o relacionamento entre as comunidades indígenas e as informações que circularam nesses Estados sobre a pandemia da COVID-19. Para tal, investiga diferentes fontes de informação e meios de comunicação disponíveis a nível local para compreender como as comunidades recebem, consomem, demandam e compartilham informações sobre a pandemia da COVID-19. O DEI também conta com uma breve contextualização das comunidades indígenas no Brasil e no estado de Roraima, e suas vulnerabilidades e especificidades em torno da temática dos direitos dos povos tradicionais.

A partir do conhecimento acerca dos ecossistemas de informações das comunidades indígenas, o Enraizado na

Confiança identifica as necessidades de informação e os desafios enfrentados pelos indígenas. Esse conhecimento visa contribuir para o fortalecimento da comunicação entre as comunidades indígenas da Amazônia brasileira e outros atores, como organizações humanitárias, atores da mídia e profissionais da saúde, especialmente em um contexto cada vez mais marcado pela desinformação e dificuldade de acesso a notícias e informações.

## 3.1 METODOLOGIA

O DEI da Internews utiliza uma abordagem centrada nas pessoas, trabalhando com parceiros locais confiáveis para co-construir e desenvolver o diagnóstico. A elaboração do DEI ocorreu com o envolvimento ativo das comunidades em todas as etapas do ciclo do diagnóstico, de forma colaborativa e participativa. Considerando que abordagens e metodologias quantitativas que pouco envolvem as comunidades indígenas possuem um histórico de desconfiança entre esses grupos, priorizamos a coleta de dados qualitativos.

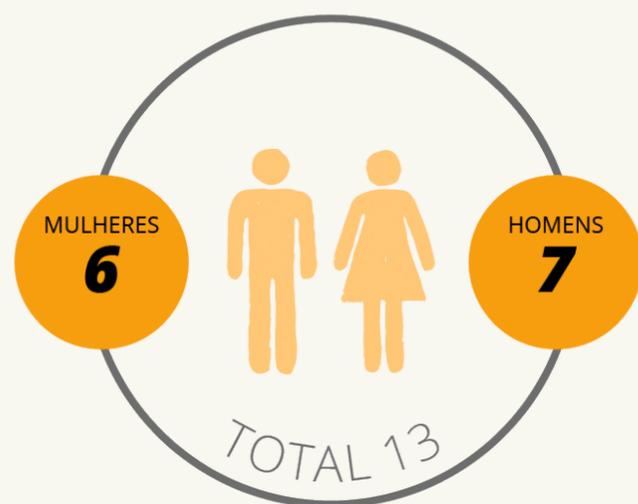
Para entendermos o cenário da mídia no norte do Brasil e em Roraima, os desafios comunicacionais enfrentados pelas comunidades indígenas envolvidas no DEI, as fontes de informação confiáveis, além dos caminhos pelos quais as informações são recebidas, compartilhadas e divulgadas, esse diagnóstico fez uso de um conjunto de metodologias.

Foi realizada uma revisão bibliográfica de produções acadêmicas e jornalísticas sobre a questão indígena na região. Esta etapa foi complementada por entrevistas remotas e presenciais com interlocutores chaves, como a equipe do IEB, jornalistas da imprensa de Roraima e indígenas do Departamento de Comunicação do CIR.



### 3. ENRAIZADO NA CONFIANÇA

#### COMPOSIÇÃO DOS PARTICIPANTES DAS ENTREVISTAS



#### RORAIMA (RR)

##### PACARAIMA

ETNORREGIÃO SURUMU,  
COMUNIDADE BARRO  
MORADOR DA COMUNIDADE E PROFESSORA

ETNORREGIÃO SURUMU,  
COMUNIDADE TACHI  
MORADORES DA COMUNIDADE

##### NORMANDIA

ETNORREGIÃO RAPOSA,  
COMUNIDADE JAUARI  
MORADOR DA COMUNIDADE, TUXAUA  
E AGENTE INDÍGENA DE SAÚDE

##### BOA VISTA

ETNORREGIÃO MURUPU,  
COMUNIDADE SERRA DA MOÇA  
AGENTE INDÍGENA DE SAÚDE

##### BONFIM

ETNORREGIÃO SERRA DA LUA,  
COMUNIDADE CACHOEIRINHA DO SAPO  
MORADORES DA COMUNIDADE

##### NÃO INFORMADO

ETNORREGIÃO SERRA DA LUA,  
COMUNIDADE SÃO DOMINGOS  
COORDENADORA DO GPVTE

##### UIRAMUTAM

ETNORREGIÃO SERRA DA LUA,  
COMUNIDADE JURUMUTÃ  
TUXAUA

##### NÃO INFORMADO

ETNORREGIÃO NÃO INFORMADA,  
COMUNIDADE JURUMUTÃ  
BARATA

Foram realizadas 13 entrevistas presenciais com membros das comunidades, lideranças e representantes, Agentes Indígenas de Saúde (AISs) e professores. Essas entrevistas foram conduzidas por jovens comunicadores indígenas, que foram capacitados durante uma oficina em métodos de entrevista com interlocutores chaves, e participaram da co-construção dos questionários das entrevistas. Ao todo, foram capacitados 27 jovens comunicadores indígenas. As entrevistas foram realizadas entre 31 de agosto e 26 de setembro de 2022, registradas em áudio e posteriormente transcritas.

Além das entrevistas, foram realizados três grupos focais (registrados em áudio e transcritos) divididos por etnorregiões dos 27 comunicadores indígenas, conduzidos presencialmente no dia 26 de julho de 2022, pela equipe do Enraizado na Confiança com apoio da equipe do IEB. Em concordância com a sugestão do IEB, optou-se por separar os participantes por etnorregião, e não por gênero. Não foi possível identificar especificidades dos participantes nos grupos focais, como sua atuação na comunidade ou idade.

Após a transcrição, todas as entrevistas e grupos focais foram analisados pela pesquisadora do Enraizado na Confiança. Resultados preliminares foram compartilhados com o IEB e com os comunicadores indígenas para validação e devolutiva, que foram incorporados na versão final.

#### 3.2 LIMITAÇÕES

Diante das limitações tanto nos dados existentes, quanto na metodologia, os achados deste relatório são indicativos, e não devem ser considerados representativos.

Limitações na revisão bibliográfica incluem a falta de

dados atualizados sobre as comunidades indígenas de Roraima, especialmente por conta do atraso envolvendo o Censo brasileiro, que foi adiado por conta da pandemia da COVID-19.

Para análise da mídia e para o número de fontes de informações disponíveis no Brasil (TV e rádio), esse relatório utilizou dados do Atlas da Notícia, e dados oficiais do governo. Os dados entre os dois não são correspondentes, em parte porque o Atlas da Notícia é uma plataforma ainda em construção, de modo que no momento da escrita algumas informações não estavam completas. Já as bases de dados do governo federal não são centralizadas ou atualizadas sistematicamente, o que significa que incluem estações de TV e rádio que talvez estejam inativas, por exemplo.

#### Limitações na coleta de dados primários incluem:

- O tipo de informação coletada. Priorizou-se uso de dados qualitativos, a partir de uma consulta ao IEB e às comunidades, por ser um método que gera maior confiança entre as comunidades indígenas participantes;
- Tamanho e distribuição da amostra. Tendo em vista as limitações como falta de equipamentos e de acesso à internet, apenas 8 comunicadores indígenas entre os participantes da capacitação conduziram entrevistas em suas comunidades. Dessa forma, apenas uma parte das etnorregiões do projeto foram contempladas nas entrevistas e alguns participantes chave da comunidade (lideranças, agentes de saúde, professores, etc.) ficaram de fora, o que dificulta a comparação dos dados entre as comunidades.
- Experiência em construção dos responsáveis

### 3. ENRAIZADO NA CONFIANÇA

pela coleta de dados. A coleta de dados primários foi conduzida com sucesso por jovens comunicadores indígenas envolvidos no evento Encontros Wakywai, que receberam um treinamento para realizar as entrevistas com os interlocutores chaves. No entanto, em razão de ser uma experiência ainda em construção, sendo necessária

a realização de mais oficinas para dar continuidade à essa formação, muitas entrevistas poderiam ter sido mais aprofundadas ou feitas em maior quantidade, de modo que essa coleta de dados refletiu naturalmente a experiência ainda iniciante dos novos comunicadores.

Apesar dessas limitações, a coleta de dados contou com o

envolvimento das comunidades em quase todos os estágios da elaboração do diagnóstico, sendo este um dos aspectos mais importantes e relevantes desta trajetória. Embora os dados não possam ser usados para criar comparações entre as comunidades, eles podem ser usados para fornecer um panorama da situação entre comunidades indígenas de Roraima.



# 4. CONTEXTUALIZAÇÃO DAS COMUNIDADES INDÍGENAS DE RORAIMA

O estado de Roraima conta com 33 Terras Indígenas e cerca de 11 povos indígenas.<sup>4</sup> A maioria desses povos (Ingarikó, Macuxi, Patamona, Sapará, Taurepang, Waiwai e Wapichana) é representada pelo Conselho Indígena de Roraima (CIR). O CIR é uma organização indígena que foi formalizada como uma associação sem fins lucrativos em 1990. Desde sua origem na década de 70, o CIR esteve diretamente envolvido em diversas ações e lutas do Movimento Indígena no estado, sendo o responsável, por exemplo, por articular campanhas em defesa da demarcação e homologação da Terra Indígena Raposa Serra do Sol, e pela implementação de projetos que garantissem a autossustentação das comunidades. Para além disso, o CIR atua na prestação de serviços jurídicos, ambientais, educacionais e socioeconômicos junto às comunidades.

O CIR desenvolve suas atividades em Roraima através de conselhos regionais, organizando sua base de atuação em 10 etnorregiões por eles definidas como Serras, Surumu, Baixo Cotingo, Raposa, Amajari, Wai Wai, Tabaió, Serra da Lua, Murupu e Alto Cauamé. Etnorregião é uma categoria política, geográfica e territorial, utilizada de maneiras diferentes a depender dos grupos e contextos envolvidos, para delimitar uma área específica através de critérios variados, como proximidade geográfica, as relações entre si dos povos indígenas que a ocupam, dentre outras.

<sup>4</sup> Este número deve ser considerado apenas para fins indicativos da diversidade e resistência dos povos indígenas na região, e não como um dado fixo no tempo e história. Esses registros oficiais não esgotam a possibilidade da existência de outros povos indígenas na região, e não são considerados a única base de dados demográficos e culturais das populações indígenas no Brasil. Dada a amplitude territorial e cultural do país, somada ao fato de que alguns povos conseguiram manter-se em isolamento voluntário no contato recorrente com não-indígenas, principalmente em razão da histórica violência que marca essas relações desde



Importante ressaltar que essa é uma definição específica utilizada pelo CIR, e outros povos indígenas na região utilizam diferentes classificações, como por exemplo os Yanomami. “As etnorregiões agrupam comunidades que

o período da colonização, é possível afirmar que o estado brasileiro ainda não foi capaz de identificar todos os povos originários no seu território. Apenas os próprios povos indígenas são, eles mesmos, as fontes de seu reconhecimento enquanto tal, e, portanto, é a partir de suas narrativas que esses registros populacionais devem ser construídos. A bibliografia antropológica já publicada sobre a região registra os povos Ingarikó, Macuxi, Patamona, Sapará, Taurepang, Wai Wai, Waimiri-Atroari, Wapichana, Yanomami, Ye’kuana e Pirititi, mas com variações sobre os Arekuna e os Kamarakoto, por exemplo, em razão da sua

estão geograficamente próximas”, e por meio delas “os próprios indígenas definem seus limites e a forma como administram essas áreas” (Garzoni; Bethonico, 2019, p. 177), tanto territorial quanto politicamente.

ocupação majoritária na região venezuelana. Como se sabe, o estado de Roraima está localizado no extremo norte do Brasil, onde faz fronteira com a Venezuela e a República Cooperativa da Guiana. Importante lembrar que, historicamente, a definição dessas fronteiras jamais considerou a organização política e social dos povos indígenas que há séculos habitam essas regiões, de modo que tais dados quantitativos e geográficos baseados em elementos externos aos povos indígenas em questão devem ser considerados apenas como estimativas, com a finalidade de fornecer um panorama possível para os não-indígenas.

# Glossário

### **POVOS OU ETNIAS**

Termos usados para distinguir os diferentes povos indígenas entre si e entre os não-indígenas. Uma mesma etnia pode estar presente em várias comunidades e TIs. As etnias são autodefinidas, e compartilham o mesmo idioma, histórias, rituais e outros aspectos culturais que consideram responsáveis por criar sua noção de unidade em relação aos outros grupos

### **COMUNIDADES, ALDEIAS OU LOCALIDADES**

Esses termos geralmente correspondem ao agrupamento geográfico e cultural de pessoas que vivem juntas. Sua localização geográfica pode ser mais ou menos permanente, ou alterada ao longo do tempo (meses ou anos), a depender de diversos fatores.

### **TERRAS INDÍGENAS (TI)**

Áreas ocupadas por povos indígenas e reconhecidas legalmente pelo Estado brasileiro. Em uma TI podem existir muitas comunidades, aldeias ou localidades, e vários povos e etnias.

### **TUXAUA**

“Tuxaua” é o termo indígena para designar as principais lideranças políticas indígenas entre os povos de Roraima, havendo em geral um Tuxaua para cada uma das diferentes comunidades que compõem os diferentes povos indígenas. Ainda que cada um dos povos indígenas tenha sua organização política própria, é possível dizer que em geral os Tuxauas são eleitos por suas comunidades, com diferentes periodicidades. A escolha do Tuxaua envolve diversos fatores, mas principalmente a capacidade de articulação e atuação política dentro e fora da comunidade. Em povos indígenas de outras regiões do Brasil, essa figura política de liderança irá variar de nomenclatura e definição.



### **DEMARCAÇÃO DAS TIS**

A demarcação e homologação das TIs é o reconhecimento formal do estado brasileiro da presença e ocupação de povos indígenas em determinada área (Terras Indígenas, 2022). Trata-se de um processo longo e frequentemente marcado por conflitos. Mas, uma vez concretizada, a demarcação garante segurança jurídica aos povos indígenas. Atualmente, são 32 TIs demarcadas e homologadas no estado de Roraima. A TI Pirititi já teve seu processo de demarcação iniciado, mas ainda tem muitas etapas para avançar.

# AMEAÇAS AO TERRITÓRIO

### MARCO TEMPORAL

A tese jurídica do “Marco Temporal” é uma tese defendida em 2009, por um ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) à época, durante o julgamento da demarcação da Terra Indígena Raposa Serra do Sol, localizada em Roraima. Ele defendia que o direito territorial dos povos tradicionais previsto na Constituição deveria ser interpretado de outra maneira, levando em consideração apenas as reivindicações de terras que estivessem sendo ocupadas pelos indígenas apenas a partir da data de promulgação da Constituição de 1988, ignorando assim a histórica expulsão dos povos indígenas de suas terras e todos os atuais processos de violência a que

ainda estão submetidos. Por essa razão, essa tese vem sendo bastante criticada pelos movimentos indígenas e demais organizações de direitos humanos (APIB, 2022). Os indígenas também enfatizam que, enquanto povos originários do Brasil, eles têm direito a demarcação de seus territórios como garantia dos seus modos de ser e viver. A tese do Marco Temporal não está em vigor no Brasil, e ainda está

sendo julgada pelo STF.

### GARIMPO ILEGAL

O garimpo ilegal em TIs é uma das mais graves ameaças a esses territórios. Em Roraima, o avanço do garimpo coincide com a perda da qualidade de vida da população (IPS, 2021), e o aumento da criminalidade regional (IPEA, 2021). Principalmente na TI Yanomami, a mineração ilegal tem resultado no aumento do desmatamento e da contaminação das bacias hidrográficas por mercúrio, no aumento dos casos de malárias e outras doenças, e uma alta na criminalidade e violência contra os indígenas (ISA, 2022a).

### PROJETOS DE DESENVOLVIMENTO

O chamado “Linhão de Tucuruí” corresponde ao plano de construção de uma linha de transmissão de energia elétrica, que passaria por várias cidades e estados no Norte. Esse projeto tem sido alvo de conflitos por passar por diversas áreas protegidas, como Unidades de Conservação e, no caso de Roraima, a Terra Indígena Waimiri Atroari (Mapa de Conflitos, 2019).

# 5. COVID-19 E OS INDÍGENAS DE RORAIMA

Desde que foram confirmados os primeiros casos da COVID-19 no Brasil, em março de 2020, as comunidades indígenas de Roraima começaram a buscar formas de proteger seus parentes<sup>5</sup> e seus territórios. “O assunto mais importante para mim é prevenir as pessoas da minha família e as pessoas da comunidade onde eu moro. Buscando mais informações sobre essa doença para entender melhor o que podemos fazer para nos proteger” (Entrevista com indígena, mulher, da comunidade Cachoeirinha do Sapo, etnorregião Serra da Lua, Bonfim/RR, em 24/09/2022).

Para conter a circulação de pessoas e prevenir o avanço da doença, as próprias comunidades articularam o fechamento de seus territórios. Assim, em março de 2020, 12 comunidades indígenas de Roraima haviam fechado o acesso e circulação de pessoas.<sup>6</sup> A manutenção dessas barreiras foi garantida por um Grupo de Proteção e Vigilância dos Territórios Indígenas (GPVITI), organizado por Tuxauas e demais lideranças.

Articulada pelas próprias lideranças indígenas, o fechamento das comunidades foi informado aos órgãos governamentais que atuam diretamente com esse grupo, como a Fundação Nacional do Índio (Funai) e a Secretaria de Saúde Indígena (SESAI). As comunidades foram reabrindo eventualmente, inclusive por conta da necessidade dos indígenas de circular nas cidades para acessar recursos e serviços. Com a disponibilização do auxílio emergencial, vários indígenas se deslocaram para as cidades, expondo-se ao vírus e levando-o para suas comunidades (Barbosa, 2020).

O primeiro caso de COVID-19 entre os povos indígenas de

<sup>5</sup> Entre os povos indígenas no Brasil, é comum o uso da expressão “parente” para se referir a outro indígena, sem que necessariamente exista uma relação de parentesco por consanguinidade ou afinidade.

<sup>6</sup> Não foram encontrados muitos relatos de fechamentos de comunidades indígenas em outras regiões do Brasil. O único outro caso identificado foi entre os indígenas da etnia Kuikuro, no Alto Xingu, no estado do Pará (Uchoa, 2021).

Roraima foi registrado em 7 de abril de 2020 (Correia, 2020). Um jovem de 15 anos da etnia Yanomami foi o primeiro a testar positivo e faleceu poucos dias depois (Hamdan, et al, 2020). Desde então, várias lideranças indígenas de Roraima faleceram vítimas da doença, como Fausto Mandulão, um professor pioneiro da educação indígena no estado (Costa, 2020), e outras importantes lideranças no processo de demarcação da Terra Indígena Raposa Serra do Sol, como Dionito, Bernaldina José Pedro, Alvinho Andrade da Silva e Luciano Peres (Souza, 2020). Até a data desta publicação, 4.222 indígenas contraíram a COVID-19, e 98 vieram a óbito (dados do DSEI Leste de Roraima, que não incluem os Yanomami).

Quando a vacinação contra a COVID-19 começou no estado, em 19 de janeiro de 2021, a primeira pessoa vacinada foi uma mulher indígena da etnia Macuxi (Fernandes, et al, 2021). Isso porque os indígenas foram incluídos como grupo prioritário na vacinação em todo o país. Desde então, cerca de 36.714 indígenas de diferentes etnias foram vacinados com a primeira dose da vacina contra COVID-19, e 30.770 com a segunda dose ou dose única (dados do DSEI Leste de Roraima, que não incluem os Yanomami). No entanto, assim como ocorre no restante do país, o governo só considera os indígenas que vivem em TIs demarcadas e homologadas, seja para registrar os casos e óbitos pela doença, seja para incluir no programa de vacinação prioritária. Isso deixa de

## POPULAÇÃO

População Brasil

214.791.902

População indígena Brasil

896.917\*

População indígena Roraima

53.114\*\*

## CASOS DE COVID-19

Número de casos COVID-19 Brasil

36,81 milhões

Número de casos COVID-19 indígenas Brasil

62.995

Número de casos COVID-19 indígenas Roraima

4.222



\* No total foram 706.236 pessoas vacinadas no Brasil, sendo consideradas apenas a população indígena de 3 anos ou mais atendida pelo SASISUS

\*\*No total 49.616 foram vacinados, pois foram considerados apenas a população indígena de 3 anos ou mais atendida pelo SASISUS.

Fontes: Ministério da Saúde; Our World in Data; Emergência Indígena.

Dados obtidos em: 31/01/2023.

## 5. COVID-19 E OS INDÍGENAS DE RORAIMA



fora os indígenas que vivem em centros urbanos e aqueles que vivem em TI ainda não regularizadas.

“Essa questão de nós, indígenas, não sermos grupo prioritário para vacina por estarmos vivendo em contexto urbano é uma reivindicação que fazemos ao Estado para que respeite a nossa identidade e de fato garanta nossos direitos, pois ao nos deslocar da aldeia para os centros urbanos não deixamos de ser indígenas.

(Lima, 2021, p. 56).

Nesse contexto, os indígenas têm se organizado politicamente, seja para denunciar o descaso político diante da pandemia, o avanço do garimpo em terras indígenas, a ausência de apoio psicológico às comunidades, seja para combater a disseminação de notícias falsas sobre a pandemia (Susui & Almeida, 2021; Montel, 2021; OBIND, 2021).

Os Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEIs) são unidades ligadas à SESAI que organizam a rede de atenção à saúde e as práticas sanitárias. Eles fazem parte da política federal de saúde, e são divididos por critérios territoriais que não obedecem aos limites dos estados. Durante a pandemia da COVID-19, eles foram responsáveis por registrar os casos e óbitos provocados pela doença entre os indígenas, e por conduzir o programa de vacinação.

### VACINAÇÃO POPULAÇÃO BRASIL



181.936.154

1ª DOSE



164.521.874

2ª DOSE



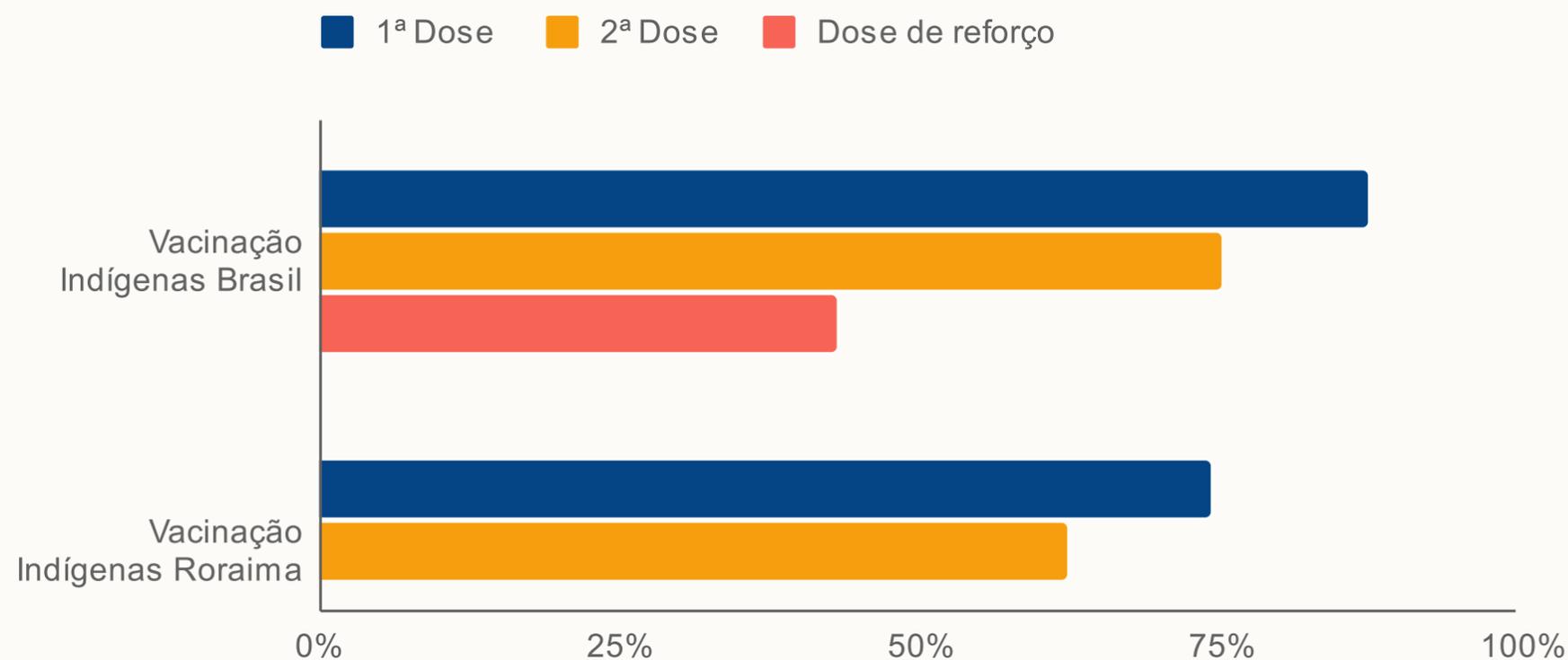
5.039.259

DOSE ÚNICA



103.597.511

DOSE DE REFORÇO



## 6. MÍDIA NO NORTE DO BRASIL

Como mencionado, no Brasil, o Enraizado na Confiança atua junto a comunidades de três estados do Norte do país. Essa região é composta por sete estados bastante diferentes entre si. Apesar dessa diversidade, algumas questões são prevalentes em toda a região.

As regiões Sul e Sudeste do Brasil concentram os principais veículos de comunicação que produzem notícias sobre o restante do país, incluindo a região Norte (Intervozes, 2017). Como resultado, existe uma desigualdade de produções jornalísticas feitas pela região Norte para a região Norte. “Apesar de ocupar 45% do território do país e ser a morada de 18 milhões de brasileiros, não é frequente ver a Região Norte nas manchetes dos jornais ou representada nos programas de televisão — a menos que as notícias sejam sobre a devastação da Amazônia ou tratem de algo extraordinário.” (Lavor, 2021).

Meios de informação locais dedicam-se à cobertura das notícias a nível do município e da região. A atuação do jornalismo local é fundamental, pois é dessa forma que normalmente as pessoas que vivem nessas localidades possuem maior acesso aos contextos locais e desafios ali enfrentados, e garantem a rapidez na cobertura dessas situações em tempo real. Na ausência de imprensa local, a população não tem acesso a informações que lhes permitam supervisionar o poder público, participar ativamente das discussões e decisões políticas que lhes dizem respeito, ou receber informações relevantes para sua vida cotidiana. De forma geral, essa população fica mais vulnerável à desinformação, que é a utilização de técnicas de comunicação e informação para induzir ao erro ou propagar uma falsa imagem da realidade por meio de divulgação de notícias falsas ou incompletas, cujos sentidos são intencionalmente manipulados para favorecer interesses particulares. Essas regiões que não possuem imprensa local são chamadas de desertos de notícias. No Brasil, a maior parte dos desertos de notícia está localizada na região Norte (Botelho, 2022).

Apesar da expansão do acesso à energia elétrica no país, a região Norte ainda concentra a maior parte da população que vive “no escuro”. Entre 2018 e 2020, cerca de 3,5% da população da Amazônia Legal não tinha acesso a esse



serviço (IEMA, 2021). Na época, a população desta região era de cerca de 28 milhões de habitantes, o que significa que aproximadamente 990 mil pessoas viviam nessas condições (IMAZON, 2021). Desse total, a maior parte são pessoas que vivem em áreas rurais. Algumas dessas pessoas pertencem a comunidades tradicionais: 78.388 eram indígenas e 2.555 eram quilombolas (IEMA, 2021). Isso significa que cerca de 8% da população sem energia elétrica na Amazônia Legal corresponde a comunidades indígenas e quilombolas. Sem energia elétrica, essa população também não tem acesso pleno à televisão e internet.

A televisão é ainda muito presente nas casas das famílias da região Norte. Essa região possui o maior tempo de consumo de televisão do país: são 6 horas e 30 minutos por dia, um pouco à frente do Sudeste, segundo colocado com apenas um minuto atrás do Norte (Kantar, 2020). A Amazônia Legal<sup>7</sup> possui uma legislação especial para as retransmissoras televisivas, que lhes permitem criar conteúdo local, em vez de transmitirem a programação da rede filiada, como acontece no resto do país (Lobato, 2017). Embora isso estimule a existência de mais jornais locais, ainda não é o bastante para lidar com a situação criada pelos desertos de notícias, pois em muitas localidades não existem noticiários locais ou são transmitidos apenas os noticiários nacionais.

Vários meios de comunicação no Brasil são de propriedade de políticos e grupos religiosos, o que é prejudicial para o ecossistema de informação, pois pode influenciar a circulação de informações de acordo com interesses particulares (Terso, 2022b) - além de, no caso de políticos, ser uma prática legalmente proibida no Brasil. Uma reportagem mostrou que dos 1.737 canais de TV da Amazônia Legal: a) 373 pertencem a políticos; b) mais de 170 canais pertencem às igrejas católicas e evangélicas (Lobato, 2017).

<sup>7</sup> O território da Amazônia Legal compreende toda a região Norte do país e mais dois estados: o Maranhão no Nordeste e o Mato Grosso no Centro-Oeste.

# 7. MÍDIA NO ESTADO DE RORAIMA



Roraima tem baixos índices de acesso à informação e à comunicação, segundo o Índice de Progresso Social da Amazônia (IPS)<sup>8</sup>. Em contraste com os municípios do interior, cujos IPS de Acesso à Informação e Comunicação variam entre 1.65 (município do Uiramutã) a 15.37 (município de São João da Baliza), a capital Boa Vista tem índices melhores, marcando 41.14 (IPS Amazônia, 2021). Não coincidentemente, Uiramutã, o município com maior população indígena do estado, é o que possui o menor índice. Embora boa parte da população tenha acesso à eletricidade

e internet, as condições precárias desses serviços são uma das principais barreiras que impedem as pessoas a um acesso confiável e regular a TV e internet (IEMA, 2021).

Roraima é o estado que tem o menor número de veículos jornalísticos locais no país, tanto em valores absolutos, quanto proporcionalmente. A capital do estado concentra a maioria dos meios de comunicação, e é o único município que não pode ser considerado um deserto de notícias (Botelho, 2022). A mídia tradicional do estado, fortemente

concentrada na capital, se faz presente na TV, na rádio e nos portais de notícia online. Esses canais mantêm páginas nas redes sociais, como forma de se aproximarem da população local.

Para além da mídia tradicional, existem também iniciativas de jornalismo independente. Exemplos desse jornalismo são o Correio do Lavrado e a Rede Amazoom, que tratam especificamente do estado de Roraima. Outros portais que também merecem menção são Amazônia Real, Agência Pública, InfoAmazônia e De Olho Nos Ruralista. Estes, embora não tratem apenas de Roraima, produzem muito conteúdo sobre as comunidades indígenas do estado. No entanto, esses portais têm números relativamente baixos de seguidores nas redes sociais, e nem sempre alcançam a população local e os povos indígenas.

A mídia tradicional ainda tem grande alcance entre a população local. Apesar disso, um estudo identificou uma crescente desconfiança da população nesses veículos de comunicação tradicional (Erbetta, 2021). Cada vez mais essa população parece buscar informações em “blogs”. O estudo apontou que esses “blogs” costumam difundir desinformação e frequentemente são financiados pela elite política local. Não foi possível mapear tais blogs para este estudo. No entanto, parece necessário diferenciá-los dos portais de jornalismo independente que, além de não possuírem vínculos ou financiamentos políticos, diferente de tais blogs, seguem padrões de boas práticas do jornalismo (Manual da Credibilidade, 2021).

<sup>8</sup> Segundo o site do IPS, o Índice de Progresso Social é um índice que mapeia e mede a performance social e ambiental das nações, independente dos seus índices de desenvolvimento econômico (como o PIB e o IDH, por exemplo). Criado em 2013 pela Social Progress Imperative (SPI) com o apoio de especialistas internacionais em políticas públicas, no caso específico do mapeamento da Amazônia brasileira a escolha dos indicadores foi baseada na confiabilidade das fontes dos dados, acessibilidade, abrangência e atualização. Seu cálculo emprega indicadores públicos recentes e relevantes às especificidades dos municípios da Amazônia (disponível em <https://ipsamazonia.org.br/>).

## 7. MÍDIA NO ESTADO DE RORAIMA

### A MÍDIA TRADICIONAL E O MOVIMENTO INDÍGENA EM RORAIMA

O movimento indígena e setores engajados com a causa nem sempre avaliam positivamente a cobertura feita pela mídia tradicional. Conforme um estudo de 2022, os segmentos da população mais engajados com a causa indígena entenderam que houve uma melhora na forma como essa mídia vem comunicando sobre os povos indígenas, mas ainda há espaço para muitas melhorias (Narrativas Ancestrais, 2022).

Em Roraima, os povos indígenas têm procurado criar suas formas próprias de comunicação, como a Rede Wakywai. Esse empenho surge como uma resposta ao silenciamento produzido pela mídia tradicional no estado e no país. Em Roraima, o jornal o Folha de Boa Vista é o principal exemplo disso, visto que as notícias veiculadas por este jornal divergem profundamente das demandas e da realidade dos povos indígenas (César, 2017).

O estado de Roraima segue a tendência nacional de que a maior parte dos veículos de imprensa tradicionais pertencem à políticos ou ex-políticos e suas famílias (Intervozes, 2015).

Dos 1.737 canais de TV da Amazônia Legal, 373 pertencem a políticos e mais de 170 canais pertencem às igrejas católicas e evangélicas (Lobato, 2017).



# 8. TV, RÁDIO E PORTAIS DE NOTÍCIA ONLINE

A televisão é uma mídia muito presente entre as comunidades indígenas de Roraima. Entre os indígenas com quem o Enraizado na Confiança conversou, 71% afirmaram assistir TV com frequência. Os telejornais foram um dos principais mecanismos de divulgação da informação sobre a pandemia. Ao longo de 2020 a pandemia da COVID-19 foi a principal pauta em todos os canais e programas de notícias. Alguns indígenas chegaram a comentar como o excesso de notícias presentes na TV abalou seu psicológico. Os telejornais mais mencionados foram aqueles ligados à Rede Globo, como o Jornal Nacional e o Jornal Hoje. Também foram lembrados jornais da Band e jornais locais do estado de Roraima.

Em alguns contextos, onde o acesso à televisão é dificultado por problemas econômicos, o rádio é a forma mais rápida de acessar informações. Alguns programas e estações de rádio foram citados nas entrevistas e grupos focais, como o programa nacional A Voz do Brasil, e as estações locais Rádio Roraima, Rádio FM 93 e 94. Outro programa mencionado foi “A Voz dos Povos Indígenas de Roraima”, transmitido pelo CIR na Rádio Monte Roraima FM. Este programa é transmitido aos sábados, e desde março de 2020 é também retransmitido pelas redes sociais da rádio e do CIR.

**Criado originalmente em 2002 com o nome “Todos os Povos”, a história do programa radiofônico do CIR se confunde com o da Rádio Monte Roraima FM 107,9 MHz, responsável por sua transmissão. Única emissora de radiodifusão católica do Estado**

(Araújo, 2021, p. 170).

Além disso, como Roraima não possui jornais impressos, os portais de notícias online têm ganhado espaço. Mesmo assim, poucos indígenas mencionaram essa fonte de informação. Em um grupo focal, o portal G1, ligado à Rede Globo, foi lembrado.

**Em 2020, dois jornais impressos – Folha de Boa Vista e Jornal Roraisul – tiveram suas edições em papel interrompidas durante a pandemia do novo coronavírus**

(Observatório da Imprensa, 2021, p. 42).

**Só que também o rádio, ele é muito presente. Por exemplo, a minha mãe, ela não tem nem televisão, mas ela tem um rádio. Todo o dia ela ouve a Voz do Brasil. Desde criança a gente ouve aquele jornal [...]. Então, o rádio ainda continua sendo uma coisa muito importante, apesar de nós termos a facilidade de ter o celular, televisão**

(Depoimento de comunicador indígena durante grupo focal realizado na Comunidade Lago Caracaranã, em 26/07/2022).

Em outras épocas, os indígenas criaram comunicações impressas, como jornais e cartilhas. Um exemplo disso é o Informativo Anna Yekaré, iniciado em 1990, e com um total de 38 edições. Atualmente, para além do rádio e de um site, os indígenas de Roraima estão presentes também nas redes sociais como *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*.



## 9. INTERNET E REDES SOCIAIS

Embora o acesso à internet na área rural tenha crescido, ele ainda se concentra muito nos espaços urbanos (IBGE, 2019a). No norte do Brasil, o acesso à internet costuma ser feito preferencialmente pelo celular, por meio de pacotes de dados móveis (IBGE, 2019b). Em 2019, mais de 87% da população de Roraima fazia uso de aplicativos de mensagens (IBGE, 2019b). Isso foi confirmado em conversas com indígenas: 57% dos indígenas entrevistados disseram que utilizam redes sociais para compartilhar informações, e citaram principalmente o WhatsApp.

Os grupos de WhatsApp são canais de troca rápida de informações. É comum existirem os grupos das comunidades, nas quais estão presentes membros de várias famílias, lideranças, AIS, professores, pajés, lideranças religiosas e outros importantes atores comunitários. Também costumam existir grupos com membros de diferentes comunidades, de organizações indígenas como o CIR e membros com entidades que atuam em parceria com as comunidades. Outras redes sociais mencionadas pelos entrevistados foram o Facebook, o Instagram, o YouTube e o Kwai.

Alguns indígenas conseguem acessar internet quando se deslocam para outras comunidades ou para as cidades. Esse deslocamento é bastante frequente, inclusive para receberem seus salários como professores ou agentes de saúde, aposentadorias e benefícios sociais. Apesar disso, os parceiros do projeto Enraizado na Confiança notaram que o uso das redes sociais é bastante difundido entre os indígenas, especialmente entre os mais jovens.

**A modalidade de aparelho pelo qual se acessa a internet também é relevante para analisar as desigualdades existentes, uma vez que o acesso apenas por telefone celular pode impor diversas restrições à usabilidade do usuário – como velocidade mais baixas, franquias menores e a utilização de telas reduzidas**

(IDEC, 2022).

<sup>9</sup>O Kwai é uma rede social para criar e compartilhar vídeos curtos



# 10. ÓRGÃOS GOVERNAMENTAIS E ONGS

Órgãos estatais, Organizações Não-Governamentais (ONGs), Organismos Internacionais, entidades religiosas e organizações indígenas produzem e disseminam informações relevantes para as comunidades indígenas de Roraima. Frequentemente, as informações divulgadas pela mídia tradicional e por portais independentes de notícia incluem estudos, relatórios e outros materiais produzidos por essas organizações. Algumas dessas organizações tem atuação nacional e por vezes informam sobre a realidade local de Roraima. Outras, focam sua atenção inteiramente ao cenário local, ou desenvolvem ações no estado que merecem destaque.

Os indígenas de Roraima com quem o Enraizado na Confiança conversou, disseram que a Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB), o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), e o IEB foram importantes fontes de informações sobre a pandemia da COVID-19. Essas organizações também atuaram em parceria com as lideranças indígenas, para apoiar a produção de informativos sobre a pandemia. Outras organizações mencionadas, mas com menos ênfase, foram a Organização Mundial da Saúde (OMS), a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) e a OIM (Organização Internacional para as Migrações). Ver lista de organizações na página 22.

Logo no início, em relação à COVID, eu pesquisei muito no site da Organização Mundial da Saúde. Pesquisei no SESAI, pesquisei no site da APIB, COIAB, a gente fuçava tudo.

(Depoimento de indígena durante grupo focal realizado na Comunidade Lago Caracaranã, em 26/07/2022).

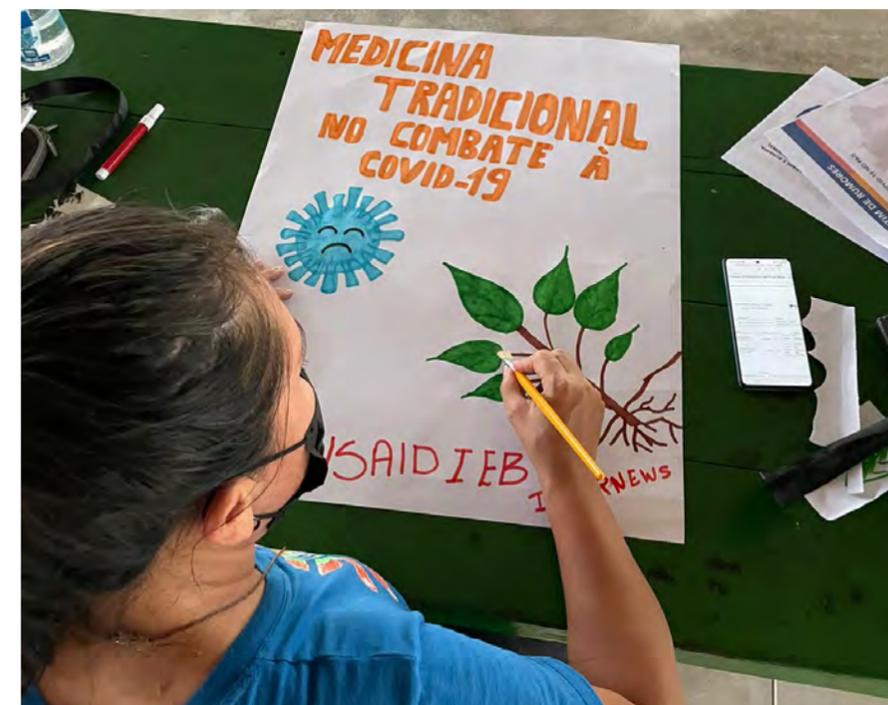
Então, a gente pode falar na certeza que eram poucos ou nenhum que não levavam nenhum tipo de informação seja de combate à pandemia – que a gente não viu nem governo federal nem governo estadual levar informação para dentro das comunidades –, seja de alguma organização [...]. Então, o CIR teve que realmente fazer esse trabalho encarando o perigo de levar doença para a comunidade, mas, ao mesmo tempo, ou a gente encara que a gente vai levar a doença ou a gente encara que vai levar informação.

(Entrevista com jornalista indígena Wapichana do CIR, mulher, 36 anos, em Brasília, em 07/10/2022).

Os Agentes Indígenas de Saúde (AIS) são responsáveis por compartilhar importantes informações sobre saúde entre as comunidades indígenas, atuando na mediação entre a política de saúde e a realidade das comunidades. Isto significa que os AIS mantêm contato tanto com a SESAI, na implementação da Política Nacional de Atenção a Saúde dos Povos Indígenas, quanto com a comunidade indígena na qual atuam. No dia a dia, eles devem realizar visitas nas casas das famílias, coletar informações sobre a saúde dos moradores, repassar informações, tirar dúvidas da população, e promover palestras.

Os agentes indígenas de saúde (AIS), no Brasil, fazem parte de uma estratégia desenvolvida nas últimas duas décadas para a promoção de um modelo de atenção diferenciada à saúde indígena. Seu papel objetiva atender vários aspectos da política de atenção diferenciada, tais como o elo entre a equipe de saúde e a comunidade, e a mediação entre os saberes médico-científicos e os indígenas.

(Diehl, 2012, p. 819).



## 10. PRINCIPAIS BARREIRAS NO ACESSO À INFORMAÇÃO

### ORGANIZAÇÕES INDÍGENAS

Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB).  
Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB).  
Conselho Indígena de Roraima (CIR).  
Hutukara Associação Yanomami.

### ENTIDADES RELIGIOSAS

Conselho Indigenista Missionário (CIMI).  
Cáritas Brasileira.  
Diocese de Roraima.  
Pastoral Indigenista de Roraima.

### ORGANIZAÇÕES GOVERNAMENTAIS

Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai)  
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).  
Governo do Estado de Roraima.  
Ministério Público Federal de Roraima (MPF-RR).  
DSEI Yanomami e DSEI Leste de Roraima.

### ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS (ONGS)

Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon).  
Organização Amazônia Nativa (OPAN).  
Instituto Socioambiental (ISA).  
Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB).

### ORGANISMOS INTERNACIONAIS (OI'S)

Organização Internacional para Migrações (OIM).  
Organização Mundial da Saúde (OMS).  
Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef).

Durante o século XX, a **igreja católica**, que a princípio apoiava regimes totalitários na América Latina, foi aos poucos alterando sua conduta com os povos indígenas. Isso graças à ampliação da Teologia da Libertação, vertente mais progressista da igreja católica, que prega a justiça social e a necessidade de apoiar os mais pobres e oprimidos. No Brasil, durante o período da ditadura militar, diversos missionários foram se opondo à forma com que eram tratados os povos indígenas (ARAÚJO, 2021). Isso deu início a um importante movimento missionário indigenista. Atualmente, organizações e entidades indigenistas católicas, como o Conselho Indigenista Missionário e a Cáritas, possuem um papel de grande relevância junto aos movimentos indígenas, especialmente na Amazônia.

A **Funai** é a autarquia governamental responsável por grande parte das políticas indigenistas, inclusive pelo processo de regularização fundiária das Terras Indígenas.

Ela também atua como um canal de circulação de notícias sobre os povos indígenas. Contudo, desde 2018, o órgão tem sofrido mudanças na sua gestão no atual contexto político, chegando a ser chamado de órgão “anti-indigenista”, o que prejudica sua posição enquanto uma fonte de informação de interesse para os indígenas (Inesc, 2022).

O **ISA** mantém bases de dados como “Povos Indígenas no Brasil” e “Terras Indígenas no Brasil”. Essas bases são interligadas e trazem diversos dados sobre essa população. Todos os povos indígenas de Roraima estão incluídos nelas. Ambas foram utilizadas para o monitoramento da situação indígena no país.

# 11. ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA INDÍGENA E DIVULGAÇÃO DE INFORMAÇÕES

Os indígenas de Roraima criticam as mídias tradicionais locais por não dar visibilidade às suas necessidades e às suas demandas (Pereira, et al, 2016). Nesse contexto, os indígenas têm organizado suas próprias estratégias de comunicação, tanto para dialogar com um público interno, ou seja, entre os povos indígenas de diferentes etnias de Roraima, quanto uma comunicação destinada a um público externo ou não-indígena.

## 11.1 TUXAUAS E O CONSELHO INDÍGENA DE RORAIMA

As lideranças comunitárias têm um importante papel entre as comunidades indígenas, inclusive na disseminação de informações, e foram uma importante fonte de informação durante a pandemia. Os Tuxauas são as principais lideranças entre os indígenas desta região, e representam suas comunidades. É costume haver uma eleição para Tuxauas e vice-Tuxauas, e frequentemente essa posição é ocupada por homens, embora desde 1999 também seja ocupada por mulheres (CIR, 2020). Parte de sua atuação inclui a circulação entre a capital e cidades próximas, e a comunidade, para buscar informações e comunicá-las aos demais indígenas. Em algumas emergências, essa liderança pode enviar uma notícia via WhatsApp, desde que sua comunidade tenha uma boa conexão de internet e utilize esse canal. Em outros contextos, os Tuxauas convocam reuniões e rodas de conversas para repassar as informações para a população da comunidade.

O Departamento de Comunicação do CIR também é uma importante fonte de informações. Graças ao seu trabalho, diversas comunidades contam com jovens comunicadores, que atuam como uma ponte entre a realidade local da

comunidade e os acontecimentos a nível regional e nacional. Esses comunicadores fazem parte da chamada Rede Wakywai, que significa “Nossa Notícia” na língua Wapichana. Essa rede surgiu a partir de um conjunto de oficinas realizadas pelo departamento de comunicação do CIR em 2019, e ganhou ainda mais força e importância principalmente durante o período pandêmico, quando as comunidades estavam em isolamento, promovendo encontros e capacitações técnicas sobre comunicação.

Desde então, a consolidação da Rede Wakywai vem acontecendo em contexto de pandemia de COVID-19. Isso explica por um lado as dificuldades enfrentadas para a realização do trabalho, ao mesmo tempo em que a necessidade da comunicação e da circulação das informações se fizeram ainda mais urgentes.

(Lima, et al, 2022, p. 112).

No Departamento de Comunicação do CIR atuam jornalistas e comunicadores indígenas que estão em contato com esses jovens comunicadores da Rede Wakywai, também com os Tuxauas, com os AIS, e com outras importantes organizações em todo o país, sejam elas indígenas, governamentais ou não-governamentais. O CIR também conta com uma página online e com redes sociais, como Facebook e Instagram, e os membros do Departamento de Comunicação estão presentes em grupos de WhatsApp com lideranças das várias etnorregiões de Roraima, o que facilita a divulgação das informações. Vale acrescentar que o CIR produz materiais

e cartilhas impressas que são distribuídas em eventos, e cartazes que são enviados às comunidades.

As redes sociais se tornaram ferramentas de visibilização das pautas indígenas e de notificação dos grupos indígenas atingidos pela COVID-19. O CIR tem utilizado suas páginas para publicizar ações internas, entre elas fazer emergir a memória de indígenas que vieram a óbito por COVID-19 em Roraima, ampliando a crítica social quanto ao avanço da doença e da quantificação dos dados oficiais divulgados pela Secretaria de Estado de Saúde de Roraima (SESAU/RR) e pela Secretaria Especial de Saúde Indígena do Ministério da Saúde (SESAI/MS).

(Guimarães & Ferreira, 2020, p. 230).

A cobertura do Departamento de Comunicação do CIR e da rede Wakywai não se limita à pandemia da COVID-19. Na verdade, uma das principais pautas dessas instâncias são as invasões às Terras Indígenas. Segundo lideranças indígenas de Roraima, o Estado tem se mostrado incapaz de garantir a proteção e a fiscalização das terras indígenas (IHU UNISINOS, 2019). Diante disso, foram instituídos Grupos de Proteção e Vigilância das Terras Indígenas (GPVITI) e os comunicadores indígenas têm atuado monitorando e denunciando os

casos de invasão. Por reconhecer que essa atuação acarreta os riscos aos envolvidos, o CIR tem debatido formas de garantir a segurança dos membros do GPVITI e dos comunicadores indígenas – exemplo disto é que frequentemente os nomes dos autores das reportagens não são divulgados.

### 11.2 COMUNICAÇÃO ORAL

A oralidade é provavelmente a forma mais importante de transmissão de conhecimentos e informações entre as comunidades indígenas, inclusive no estado de Roraima. Não é à toa que as Assembleias Gerais promovidas pelos CIR são entendidas como um dos eventos políticos mais importantes entre as comunidades. Geralmente anuais, mas também com edições extraordinárias a depender da demanda, essas Assembleias permitem, dentre muitas outras ações políticas, sociais e culturais, o compartilhamento de informações entre os membros das 10 etnorregiões nas quais o CIR atua em um mesmo evento.

Para além das assembleias, lideranças comunitárias costumam organizar rodas de conversas e reuniões para discutir temas relevantes entre os membros da comunidade. As conversas com vizinhos e parentes nas comunidades também são formas recorrentes de disseminar informações e transmitir notícias. Durante a pandemia da COVID-19, as medidas de isolamento e distanciamento colocaram barreiras nessa importante forma de comunicação, como descrito pela antropóloga indígena Yara Macuxi. “O próprio processo de circulação de informações pertinentes ao cotidiano, que consiste na propagação ‘boca a boca’. As recomendações de isolamento social tornavam essa prática, tão necessária na forma de vida indígena, inviável devido ao grande risco de contágio”. (Lima, 2021, p. 54).



## 12. NECESSIDADES E LACUNAS DE INFORMAÇÃO

**P**ara 35% dos indígenas entrevistados não haveria mais nenhuma necessidade ou lacuna de informação. Para esses, após quase três anos de pandemia, as comunidades já teriam recebido todas as informações necessárias. “Eu acredito que, durante a pandemia, foi feito todo um trabalho educativo com clareza para toda a população. E acredito que não há dúvidas, hoje, em relação a essa doença chamada Covid.” (Entrevista com indígena, homem, 37 anos, da comunidade Jauari, etnorregião Raposa, Normandia/RR, em 22/09/2022). No entanto, outras pessoas (cerca de 50% dos entrevistados) manifestaram uma opinião contrária, relatando que não teriam recebido informações atualizadas e confiáveis sobre a pandemia (os outros 15% não responderam ou não souberam responder).

A origem do vírus da COVID-19 é uma dúvida recorrente. Muitas pessoas disseram nunca ter entendido bem como o vírus surgiu ou como ele se espalhou tanto. Assim como a origem do vírus que deu início à pandemia, o fim desta também é cercado por questionamentos. Diante do afrouxamento das medidas de contenção do vírus e da expansão da política de imunização contra a COVID-19, algumas pessoas acreditam que a pandemia acabou. Decerto, os índices de óbitos por COVID-19 reduziram significativamente em 2022 no Brasil – em março de 2021, o país chegou a registrar mais de 1700 mortes em um único dia, e em setembro de 2022 registrou cerca de 50 casos em um dia (G1, 2021; Vilela, 2022). Vale ainda ressaltar que Roraima segue sendo o estado brasileiro com menor índice de pessoas vacinadas: apenas 53,87% da população está vacinada com a segunda dose, segundo levantamento realizado pelo consórcio de veículos de imprensa do Brasil junto às secretarias estaduais de saúde.

Apesar disso, autoridades afirmam que ainda não é possível dizer que a pandemia tenha terminado (G1, 2022). Segundo o diretor da Organização Mundial da Saúde, Tedros Ghebreyesus, embora estejamos próximos do fim da pandemia, ela ainda não acabou (Agência Brasil, 2022). Entre os indígenas de Roraima, as percepções são distintas. Parte



das pessoas continuam assustadas e mantém os cuidados como uso de máscara, álcool em gel e distanciamento social, enquanto outras voltaram a viver normalmente, mesmo com o surgimento de novos casos de COVID-19 nas comunidades.

“Realmente vai acabar só quando todo mundo tomar a vacina? A grande questão é quando é que vai acabar” (Depoimento de indígena durante grupo focal realizado na Comunidade Lago Caracaranã, em 26/07/2022).

“Na minha comunidade eu acho que falta reforçar novamente, para a gente ter a noção do quanto é perigoso ainda a pandemia e como ela está no meio de nós ainda. Porque há

duas semanas atrás, a escola da minha comunidade parou porque quase todos os professores testaram positivo. Aí a comunidade: ‘por que vai parar? A pandemia já acabou. Os números não significam nada’. Eu acho que reforçar, falar para eles que a pandemia ainda não acabou. Eu acho que falta reforçar um pouco mais para a comunidade.” (Depoimento de indígena durante grupo focal realizado na Comunidade Lago Caracaranã, em 26/07/2022).

Algumas pessoas que falaram com o Enraizado na Confiança também disseram que a forma como a COVID-19 e suas muitas variantes foram noticiadas gerou muitas dúvidas. O uso de diferentes nomes para as variantes foi motivo de

## 12. NECESSIDADES E LACUNAS DE INFORMAÇÃO



confusão. “Eu queria entender melhor... porque eles falam que a Covid-19 tem outros vírus, outros nomes diferentes. Nessa parte, me deixou um pouco com dúvida. Eu precisava entender melhor sobre esse tipo de vírus.” (Entrevista com professora indígena, mulher, 49 anos, da comunidade Barro, etnorregião Surumu, Pacaraima/RR, em 20/09/2022).

Outro ponto que gerou dúvidas entre os indígenas de Roraima são sobre os efeitos e sequelas que a COVID-19 deixa a longo prazo na saúde de uma pessoa. Não só não está claro quais efeitos são decorrentes da doença, como também os indígenas não foram instruídos sobre quais cuidados buscar para tratar esses efeitos a longo prazo. “Tem uma coisa que eu sempre quis, até hoje eu fico perguntando como devemos fazer, as pessoas que sofrem, que foram contaminadas, perderam um pouco de memória, eu não sei como lidar, o que fazer, que tipo de informação, ou se tem que buscar algum tipo de terapia.” (Depoimento de indígena durante grupo focal realizado na Comunidade Lago Caracaranã, em 26/07/2022).

Por fim, também a eficácia da vacinação aparece entre os temas que os indígenas precisam de mais informações. Estudos têm apontado que a adesão à vacinação é responsável pela redução de hospitalizações e óbitos por COVID-19 (Moisés, 2021; CNN, 2021b; Tokarski, 2022). Apesar disso, essas informações nem sempre parecem alcançar as comunidades indígenas de Roraima. Muitos dos indígenas relataram que seus parentes, amigos ou eles próprios ainda não estão seguros quanto à eficácia da vacina. Um jovem comunicador relatou: “Lá na comunidade a gente recebeu a vacina como uma salvação, mas ainda existem essas dúvidas porque tem gente que morre de COVID depois de ter tomado a terceira, quarta dose. Tenho essas dúvidas sobre a vacina, se funciona mesmo, se realmente a gente vai estar protegido, se realmente vai deixar a gente morrer menos, mas ainda tem uns morrendo” (Depoimento de indígena durante grupo focal realizado na Comunidade Lago Caracaranã, em 26/07/2022).



# 13. PRINCIPAIS BARREIRAS NO ACESSO À INFORMAÇÃO

**A**s comunidades indígenas de Roraima enfrentam alguns obstáculos no acesso à informação sobre a pandemia. Essas dificuldades vão desde problemas relacionados à conexão de internet, até questões de linguagem e escolarização. Todos esses elementos prejudicam os indígenas, afinal, são barreiras que se impõe entre os indígenas e informações seguras e de qualidade sobre a pandemia.

O acesso à energia elétrica e internet são precários em todo o estado de Roraima, mas as comunidades indígenas que vivem mais afastadas da capital Boa Vista enfrentam obstáculos ainda maiores. Algumas comunidades não têm o serviço, enquanto algumas que o possuem, o recebem com péssima qualidade, e que piora em dias chuvosos. Entre as comunidades que tem acesso mais frequente ao serviço, os indígenas costumam fazer uso da internet através de celulares, usando os chamados “dados móveis”, pacotes de conexão voltados a aparelhos celulares.

“O nosso acesso à internet é muito lento, a gente não tem uma internet de boa qualidade. E, às vezes, quando a gente não tem internet, fica dificultoso da gente estar passando [informações].” (Entrevista com agente indígena de saúde, mulher, da comunidade Serra da Moça, etnorregião Murupu, Boa Vista/RR, em 09/09/2022).

O idioma também é uma barreira. Embora a maioria dos indígenas de Roraima falem português, existem membros de alguma das comunidades que só se comunicam em suas línguas nativas. Se não forem produzidos materiais nessas línguas, essas pessoas dependem da tradução verbal dos materiais recebidos. Há também indígenas que falam português, porém não são alfabetizados, de forma que a informação escrita é inacessível.

“Como o tempo surgiu esse informativo na língua Wapichana e aí deu para explicar melhor. A gente ligou para essas pessoas, então eu acho que ajudou bastante. Tanto na liderança também, porque tem muita liderança que fala Wapichana, não consegue entender se estiver falando em português. Conseguem entender algumas coisas, mas não tudo. Porque tem comunidades que você chega lá e maioria quase não ouve português.” (Depoimento de indígena durante grupo focal realizado na Comunidade Lago Caracaranã, em 26/07/2022).



# 14. CONFIANÇA

A Fundação Nacional do Índio, o governo de Roraima, a Secretaria de Saúde do Município e mesmo a Secretaria de Saúde Indígena e os DSEIs foram apontados como instituições que nem sempre podem ser confiáveis. Os indígenas apontaram que, durante a pandemia, os dados divulgados pela SESAI não condiziam com a realidade, dando a entender que havia uma clara subnotificação dos casos e óbitos por COVID-19. “E muitas das vezes, a prefeitura, através da Secretaria do Município, passam umas informações que são totalmente diferentes do que está acontecendo lá dentro. Aí a gente fica com essa desconfiança deles.” (Depoimento de indígena durante grupo focal realizado na Comunidade Lago Caracaranã, em 26/07/2022).

Além disso, mesmo que a SESAI divulgasse notas informando recebimento de recursos para realizar investimentos,

os indígenas disseram não perceber nenhuma melhoria no serviço. As impressões dos indígenas encontram eco em reportagens que criticam como tem sido conduzida a política de saúde indígena no país. O orçamento destinado à saúde indígena em 2020 foi o menor em 8 anos (Merlino, 2021). O DSEI Leste de Roraima teve cinco coordenadores diferentes em menos de dois anos, sendo estes militares e indicações políticas que geralmente não possuíam qualquer conhecimento ou experiência para ocupar o cargo (Merlino, 2021).

Apesar de essas serem instituições responsáveis pela saúde indígena, elas não parecem estar em diálogo com as necessidades desse grupo e, no caso de Roraima, não aparentam inspirar confiança. Isso pode impactar o relacionamento das comunidades com os Agentes Indígenas de Saúde, já que eles atuam em contato com os órgãos

públicos e as comunidades. Vale ressaltar que os AIS não foram tão citados nas entrevistas e grupos focais realizados. Das treze entrevistas realizadas, os AIS foram citados em apenas 4. Em um grupo focal, um participante indígena mencionou que, durante a pandemia, houve um “troca-troca de agentes de saúde”, ou seja, a pessoa responsável pelo trabalho foi substituída várias vezes. Essa rotatividade dos profissionais pode ser um sinal de instabilidade da política, o que gera insegurança na comunidade.

Esses elementos não nos permitem afirmar que os AIS não sejam fontes relevantes de informação junto às comunidades indígenas de Roraima. No entanto, considerando que estes atores têm o potencial de atuar na disseminação de informação sobre a pandemia, chama a atenção que eles tenham sido pouco citados nas entrevistas e grupos focais. Diante disso, a realidade e os desafios enfrentados pelos AIS precisam ser estudados mais profundamente. Esses profissionais também podem se beneficiar de projetos e parcerias que apoiem sua atuação e promovam capacitações na temática da desinformação em torno da COVID-19.

Os Tuxauas são as principais fontes de informação para os indígenas de Roraima, sendo mencionados por 71% dos entrevistados. Outros atores e instituições que também atuam como lideranças também são vistos como fontes confiáveis, como é o caso do CIR e dos indígenas que atuam em seu Departamento de Comunicação.

“O Conselho Indígena de Roraima tem nos ajudado - não digo só a nossa comunidade, mas as demais comunidades. Ele é um parceiro muito forte que a gente tem - parabenizar, com certeza, eles por essa iniciativa também, porque demais órgãos, como a Funai, deveriam estar fazendo isso pela gente, pelas comunidades, a gente sabe que ficou muito ausente praticamente - não nos ajudou em nada.” (Entrevista com indígena, coordenadora do GPVITI, da comunidade São Domingos, etnorregião Serra da Lua, Uiramutã/RR. Data da entrevista não informada).



# 15. COMPARTILHAMENTO DE INFORMAÇÕES

Entre os indígenas de Roraima, foram identificadas três formas de compartilhamento de informação: oralmente em encontros presenciais, pelas redes sociais e através de informativos em papel. A transmissão de informações por meio da oralidade acontece tanto no cotidiano, na conversa entre vizinhos, no chamado “boca a boca”, quanto de forma mais organizada, como em rodas de conversas promovidas pelas lideranças, ou mesmo em reuniões e assembleias entre várias comunidades. As informações compartilhadas nos espaços de diálogo promovidos pelas lideranças costumam ser vistas pelos indígenas como informações seguras e confiáveis. Já nas conversas entre amigos, parentes e vizinhos circulam muitos rumores.

As redes sociais também são espaços de trocas de informações, especialmente o WhatsApp. Assim como na oralidade, esse é um canal de notícias e informações confiáveis, mas também é um espaço propício para a circulação de notícias falsas e informações não confiáveis. No entanto, o uso do WhatsApp é dificultado pelos problemas envolvendo a conexão de internet.

“Nossas lideranças têm se preocupado bastante, principalmente na parte da saúde em relação à COVID, de levar informações. O CIR tem ajudado muito com as informações, com os cartazes, os banners que a gente tem entregado muito, os folders na língua Wapichana, outros na língua Macuxi. E isso, graças a Deus, tem contribuído muito.” (Depoimento de indígena durante grupo focal realizado na Comunidade Lago Caracaranã, em 26/07/2022).



# 16. IMPACTOS NA REALIDADE E NO COTIDIANO

## 16.1 CIRCULAÇÃO DE RUMORES SOBRE A COVID-19 E A VACINAÇÃO

A circulação de notícias falsas nas comunidades indígenas de Roraima já é uma realidade desde antes do início da pandemia da COVID-19. Indígenas com quem o Enraizado na Confiança conversou apontaram que esse é um tema antigo e que eles têm se organizado para lidar com esse problema, especialmente com representações enganosas sobre a realidade indígena e suas lutas por acesso a direitos no restante do Brasil.

“As pessoas de fora olham: tem muita terra. Essa é uma fake news que estamos tentando combater e vai ser de forma constante. Porque a gente como povo indígena defende o território, porque sem o território nós não somos nada. Já os outros não indígenas, eles pensam que a terra pode dar muito lucro, querem usar. Aí acabam chamando o nosso povo de preguiçosos, tem muita terra e não quer fazer nada. Não é bem assim. A gente quer terra para ter rio para pescar, tomar banho, para plantar, para sobreviver” (Depoimento de indígena durante grupo focal realizado na Comunidade Lago Caracaranã, em 26/07/2022).

A circulação de rumores e notícias falsas representou um problema grave para as comunidades indígenas. Os dados sobre casos e óbitos por COVID-19 no município, segundo os indígenas, não condiziam com a realidade. Ou seja, os indígenas relataram uma subnotificação desses dados, o que gerou inseguranças e desconfianças entre as comunidades indígenas.

Com o início do plano de vacinação, a circulação de rumores sobre a pandemia da COVID-19 se intensificou. Notícias sobre os possíveis riscos da vacinação, ou mesmo

informações que o imunizante transformaria a pessoa em jacaré, representaram um gargalo na aceitação do programa de vacinação. A eficácia da vacinação também foi questionada por conta de rumores em torno de seu processo de produção. A velocidade da produção das vacinas foi alvo de rumores que diziam que etapas importantes que garantiriam a segurança do imunizante teriam sido puladas. Do mesmo modo, os efeitos colaterais da vacinação foram amplamente especulados.

“O que mais se falava também era a questão da vacina, que ela fazia mutação nos DNAs, a pessoa ficava infértil, e também o boato de que virava jacaré também. Aí diz que diminuía a taxa de vida da pessoa também, diz que tomou a vacina agora, daqui cinco, seis anos, a pessoa morria por conta da vacina, era o que mais se falava” (Depoimento de indígena durante grupo focal realizado na Comunidade Lago Caracaranã, em 26/07/2022).

Além disso, houve rumores de que os indígenas seriam usados como “cobaias” para as vacinas, e por isso teriam sido incluídos como prioridade no plano nacional de imunização (Oliveira, 2021). Esse rumor persistiu, apesar de que a inclusão dos indígenas no plano nacional de imunização foi resultado da mobilização de lideranças indígenas em todo o país (Oliveira, 2021). No entanto, mensagens explicando as razões pelas quais a vacina foi produzida nesta velocidade, não chegaram em linguagens acessíveis e por fontes confiáveis às comunidades indígenas de Roraima.

“O que gerou debate foram as fake news que a gente ouvia muito, que muitos da nossa população não queriam se vacinar, se negavam porque ouviam muitas fake news pelo grupo de WhatsApp, e via muitas informações que não agradavam eles, e eles tinham essa dúvida de querer se vacinar” (Entrevista com agente indígena de saúde, mulher, da comunidade Serra da Moça, etnorregião Murupu, Boa Vista/RR, em 09/09/2022).

“Muita gente não teve acesso à informação. E principalmente essas notícias falsas, porque tem muita gente que até hoje não acredita na vacina. Tem muita gente na região que, infelizmente, não tomou vacina, nem uma dose. Então é mais ou menos isso” (Depoimento de indígena durante grupo focal realizado na Comunidade Lago Caracaranã, em 26/07/2022).

Outro exemplo do impacto da desinformação gira em torno do auxílio emergencial oferecido a famílias em situação de vulnerabilidade pelo governo federal. Esse auxílio deveria ser acessado através de um aplicativo online. Em meio a isso, muitos indígenas receberam mensagens sobre aplicativos falsos e propagandas de “vale gás de cozinha”. Esses aplicativos e propagandas foram verdadeiros golpes, que se difundiram bastante entre essas comunidades.



### RUMORES SOBRE A SEGURANÇA DA VACINAÇÃO CONTRA A COVID-19 QUE CIRCULARAM ENTRE AS COMUNIDADES INDÍGENAS ENVOLVIDAS NO DIAGNÓSTICO

<i>"A vacina causa mutação no DNA"</i>	<i>"Vacinas deixam as pessoas inférteis"</i>
<i>"As vacinas foram criadas muito rápido, e por isso não são seguras"</i>	<i>"Vacinas transformam as pessoas em jacarés"</i>
<i>"As vacinas diminuem a expectativa de vida das pessoas"</i>	<i>"Indígenas estão sendo usados como cobaias para a criação das vacinas"</i>

### 16.2 SAÚDE MENTAL

Nas entrevistas e nos grupos focais surgiram relatos de como a pandemia afetou a saúde mental dos povos indígenas. Para alguns, isso se deu por conta das medidas de distanciamento e isolamento social, para outros, foi a ansiedade em torno do surgimento de casos entre as comunidades indígenas, e ainda, para outros, o motivo foi a insegurança gerada pelo volume de rumores sobre a pandemia. Em muitos casos, todos esses fatores juntos contribuíram para a necessidade de apoio psicológico.

"Agente cuida, muitas vezes, de tudo e acaba não fortalecendo aquilo que é essencial e mais importante para a nossa mente. Muita gente, eu conheci alguns amigos que ficaram muito

mal só de pensar que o pai estava doente, a mãe estava doente, poderia pegar, poderia morrer. E desencadeou até início de depressão, ansiedade. E isso acontece pelo fato de não cuidarmos da mente." (Depoimento de indígena durante grupo focal realizado na Comunidade Lago Caracaranã, em 26/07/2022).

O CIR tem uma psicóloga indígena em sua equipe, que durante a pandemia atuou atendendo membros de várias comunidades. "Quando ela [a psicóloga] estava fazendo esses trabalhos, [notou] o aumento de casos de pessoa depressiva dentro das comunidades indígenas. Então, ela reparou isso logo quando ela entrou, porque ela sempre afirma: não está tendo ritual de luto, que é o mais importante. Não tem aquele tempo de choro, aquele tempo de luto porque você tem que tentar sobreviver para você poder chorar. [...] E

isso afetou, tem afetado psicologicamente muitas famílias dentro das comunidades. Tanto que, pelo registro dela, ela fez mais de dois mil atendimentos." (Entrevista com jornalista indígena Wapichana do CIR, mulher, 36 anos, em Brasília, em 07/10/2022). A demanda por atendimento psicológico é muito maior do que o CIR é capaz de apoiar, e as lideranças demandam por políticas públicas voltadas à saúde mental da população indígena.

### 16.3 MEDICINA TRADICIONAL INDÍGENA

Os conhecimentos dos ancestrais sempre foram muito importantes para a cura dos povos indígenas de diversas doenças, neste período mais do que essencial a prática milenar dos anciãos é necessária na luta contra o novo vírus. Por isso diversas comunidades têm buscado refúgio nos remédios da medicina tradicional, comunidades da região Serras desde o início da pandemia começaram a fazer os rituais para proteção e também a produção de xaropes e banhos.

(Aleixo & Lima, 2020, p. 294).

A medicina tradicional indígena esteve muito presente durante a pandemia da COVID-19. Os pajés e as pajés, pessoas das comunidades que costumam deter esse conhecimento, junto aos Agentes Indígenas de Saúde, promoveram



encontros para transmitir os saberes sobre os “remédios e ervas da floresta e da mata”. “Apesar das dificuldades, a gente fez o monitoramento das famílias que adoeceram, a gente fez o acompanhamento - apesar de não ter muito medicamento, a gente fez uso também do medicamento tradicional, que é a nossa medicina tradicional.” (Entrevista com agente indígena de saúde, mulher, da comunidade

Serra da Moça, etnorregião Murupu, Boa Vista/RR, em 09/09/2022).

Durante a pandemia, a medicina tradicional indígena passou a ser muito mais utilizada dentro das comunidades. Diante de um novo vírus, os indígenas usaram da situação para promover a valorização de seus conhecimentos medicinais.

“No período antes da pandemia não era muito valorizada a medicina, aí depois que entrou a pandemia, as pessoas tiveram um olhar mais para medicina bem focado [...]. Não é dizendo que a pandemia foi um período bom não, mas deu mais visibilidade para a medicina” (Depoimento de indígena durante grupo focal realizado na Comunidade Lago Caracaranã, em 26/07/2022).

# 17. CONCLUSÃO

As experiências dos indígenas vivenciadas durante a pandemia no Brasil evidenciam a continuidade da infeliz relação entre indígenas e o Estado brasileiro, caracterizada pela desconfiança e negação da garantia e reconhecimento de seus direitos desde a colonização. Uma evidência disso é o fato de que, durante a realização deste Diagnóstico, nenhum ator do Estado foi considerado uma fonte confiável pelos povos indígenas para informações da COVID-19.

As comunidades indígenas há muito tempo se organizam e lutam por seus direitos. Isso também foi observado durante a pandemia, onde as comunidades indígenas colocaram em prática suas próprias medidas de mitigação e tratamento. A ação coletiva foi fundamental e os líderes e comunidades indígenas trabalharam uns com os outros, se mobilizando para garantir que as comunidades indígenas fossem priorizadas para vacinas ou simplesmente compartilhando informações.

Vivendo em uma região marcada pela falta de infraestrutura para acesso à internet e energia elétrica, escassez de veículos de comunicação locais, e uso político da mídia tradicional, os povos indígenas de Roraima tiveram que se apropriar dos meios de comunicação mais acessíveis às suas possibilidades e mobilizar a produção de informações confiáveis sobre suas realidades, especialmente no que diz respeito à saúde. Como resultado, os meios de comunicação mobilizados na comunidade priorizaram principalmente a comunicação oral, no contato com lideranças locais, nas reuniões e assembleias. Além disso, quando possível, os programas de rádio, boletins informativos e, de forma limitada, as redes sociais, também foram fontes de informações importantes durante a pandemia.

Diversos são os desafios dos povos indígenas de Roraima no enfrentamento da pandemia da COVID-19. Além de



se depararem com o descaso dos governos estadual e federal pela saúde indígena, paralelamente à pandemia os povos indígenas do Brasil tem vivenciado uma extensa violação de diversos outros direitos durante o governo Bolsonaro (2019-2022), nos quais se destacam sobretudo seus direitos territoriais, com a paralização de processos de demarcação de Terras Indígenas, aumento de violências

contra essa população por parte de civis e de forças de segurança pública, e invasões com fins de extração ilegal em seus territórios.

Além das questões relacionadas à saúde stricto sensu, tais como a falta de um plano emergencial, falta de equipamentos de segurança e saúde, testagens

## 17. CONCLUSÃO

insuficientes e até a irresponsável distribuição de remédios comprovadamente ineficazes, a produção e o compartilhamento de falsas informações (as chamadas fake news) e outros rumores, que se alastraram nas comunidades feito o próprio vírus, representaram um enorme desafio aos povos indígenas de Roraima. Essa forte campanha de desinformação representou um agravante nesse cenário adverso, onde vidas estavam sendo perdidas e uma série irreparável de danos sociais,

ambientais e econômicos estavam sendo afixados.

Frente a esta situação, os povos indígenas de Roraima tiveram que incorporar suas próprias estratégias de ação, seja para enfrentar a pandemia da COVID-19, seja para enfrentar a dispersão das desinformações que alimentam, sobretudo, a proliferação do vírus. Com governos, mercado e mídias aliados à uma agenda anti-indígena, responsáveis por alimentar preconceitos e estigmas, e sem espaço para

dar visibilidade às suas demandas e seus direitos, os povos indígenas não tiveram outra alternativa que não a de construir suas próprias narrativas comunicativas e ações de divulgação e compartilhamento.

Neste cenário de enfrentamento dessas adversidades múltiplas, associações como o Conselho Indígena de Roraima (CIR) protagonizam bravamente várias iniciativas para evitar tanto o alastramento da COVID-19, quanto da desinformação que acompanha e alimenta a pandemia. Contornando enormes obstáculos estruturais, como principalmente a ausência ou péssima qualidade de fornecimento de energia elétrica e internet nas comunidades indígenas, o CIR foi capaz de produzir, com muita criatividade e resiliência, junto com os comunicadores e lideranças indígenas e demais parceiros, produzir campanhas de entrega de EPIs, testes de COVID-19, materiais de limpeza, campanhas contra a desinformação, tais como informativos de conscientização, protocolos sobre saúde, programas de rádios, e também protagonizou um intenso uso das redes sociais, que é por onde se conectam com outros parceiros e organizações indígenas. Essas iniciativas foram cruciais para que as comunidades indígenas resistissem a mais esse episódio de violência, ataque e contaminação.

Destaca-se aí a importância do CIR e do seu Departamento de Comunicação que, com a ajuda de seus parceiros, como a equipe do Enraizado na Confiança, estão contribuindo para o fortalecimento da Rede Wakywai de comunicadores indígenas, dando efetividade ao combate à desinformação, mas, mais que isso, garantindo a construção de uma comunicação própria indissociável da luta do movimento indígena pelo Bem Viver. Estas ações de comunicação não apenas preenchem as lacunas de informação, mas contribuem com a produção e disseminação de conteúdos de qualidade, confiáveis e vitais para as comunidades, para os povos indígenas de Roraima e para o movimento indígena no país.



# 18. REFERÊNCIAS

**AGÊNCIA BRASIL.** (2022, Setembro 14). Fim da Pandemia de Covid-19 está à vista, diz diretor-geral da oms. Agência Brasil. Acesso em Outubro 10, 2022, from <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2022-09/fim-da-pandemia-de-covid-19-esta-vista-diz-diretor-geral-da-oms>

**ALEIXO, E.** (2020). Pandemia e Territórios Indígenas em Roraima. In A. dos S. Lima (Ed.), Pandemia e Território (pp. 1–189). essay, UEMA edições/PNCSA. disponível em Disponível em: [https://ds.saudeindigena.icict.fiocruz.br/bitstream/bvs/3585/1/CP8\\_01320.pdf](https://ds.saudeindigena.icict.fiocruz.br/bitstream/bvs/3585/1/CP8_01320.pdf).

**APIB.** (2022). Sob Ameaças de Bolsonaro, STF Pauta Para 1º Semestre de 2022 O julgamento sobre aplicação do Marco temporal na demarcação de Terras Indígenas. APIB. Acesso em Novembro 9, 2022, disponível em <https://apiboficial.org/2022/01/14/sob-ameacas-de-bolsonaro-stf-pauta-para-1o-semester-de-2022-o-julgamento-sobre-aplicacao-do-marco-temporal-na-demarcacao-de-terras-indigenas/>

**ARAÚJO, B. C. DA C.** (2021). Cartografia das práticas etnocomunicativas do Conselho Indígena de Roraima (dissertation). UFRR, Boa Vista, RR.

**BARBOSA, C.** (2020, Maio 21). “R\$ 600 da morte”: Deslocamento Para Receber Auxílio Expõe Indígenas à covid-19. Brasil de Fato. Acesso em Julho 10, 2022, disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2020/05/21/r-600-da-morte-deslocamento-para-receber-auxilio-expoe-indigenas-a-covid-19>

**BOTELHO, J.** (2022, Fevereiro 24). 30 cidades nortistas deixaram de ser desertos de Notícias em 2021. Atlas da Notícia. Acesso em Abril 1, 2022, Disponível em: <https://www.atlas.jor.br/analise/30-cidades-nortistas-deixaram-de-ser-desertos-de-noticias-em-2021/>

**BUTANTAN.** (2021). A velocidade com que foi criada a

vacina da covid-19 É motivo de preocupação? especialista do Butantan Responde. Responsive image. Acesso em Setembro 10, 2022, disponível em <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/a-velocidade-com-que-foi-criada-a-vacina-da-covid-19-e-motivo-de-preocupacao-especialista-do-butantan-responde>

**CNN.** (2021). Imunização Completa contra Covid reduz mortalidade para 3%, Afirma Pesquisadora. CNN Brasil. Acesso em Setembro 10, 2022, disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/imunizacao-completa-contracovid-reduz-mortalidade-para-3-afirma-pesquisadora/>

**CNN.** (2021). Ômicron, Mu, Delta, Lambda e Outras: Conheça as Variantes da Covid-19 identificadas. CNN Brasil. Acesso em Outubro 10, 2022, disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/omicron-mu-delta-lambda-e-outras-conheca-as-variantes-da-covid-19-identificadas/>

**CORREIA, C.** (2020, Abril 10). Em roraima, Adolescente de 15 anos É o primeiro índio Yanomami a morrer de coronavírus - saúde. Estadão. Acesso em Setembro 10, 2022, disponível em <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,em-roraima-adolescente-de-15-anos-e-o-primeiro-indio-yanomami-a-morrer-de-coronavirus,70003267098>

**CORREIA, M. L.** (2010). Breve análise sobre a produção midiática na trama indigenista em Roraima. Researchgate. Acesso em Julho 2022, disponível em [https://www.researchgate.net/profile/Marcelo-Correia-7/publication/333576755\\_Breve\\_analise\\_sobre\\_a\\_producao\\_midiatica\\_na\\_trama\\_indigenista\\_em\\_Roraima/links/5cf51d314585153c3daf55ad/Breve-analise-sobre-a-producao-midiatica-na-trama-indigenista-em-Roraima.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Marcelo-Correia-7/publication/333576755_Breve_analise_sobre_a_producao_midiatica_na_trama_indigenista_em_Roraima/links/5cf51d314585153c3daf55ad/Breve-analise-sobre-a-producao-midiatica-na-trama-indigenista-em-Roraima.pdf)

**COSTA PUBLICADO EM:** 10/06/2020 às 18:57, E. (2020, Junho 10). Pioneiro na Educação Indígena em Roraima, Fausto Mandulão, do Povo Macuxi, Morre Vítima da Covid-19. Amazônia Real. Acesso em Outubro 10, 2022,

disponível em <https://amazoniareal.com.br/pioneiro-na-educacao-indigena-em-roraima-fausto-mandulao-do-povo-macuxi-morre-vitima-da-covid-19/>

**CÉSAR, T. W. DE C.** (2017). Notícia na zona de contato: o jornalismo e a representação da identidade dos povos indígenas em Roraima (dissertation). UFRR, Boa Vista, RR.

**DIEHL, E. E., LANGDON, E. J., & DIAS-SCOPEL, R. P.** (2012, Maio). Review of Contribuição dos agentes indígenas de saúde na atenção diferenciada à saúde dos povos indígenas brasileiros. Caderno de Saúde Pública, 28(5), 819–831. Acesso em Agosto 2022, disponível em <https://www.scielo.br/j/csp/a/3Xt69bM6z9KWjtbSfjP3fMM/?format=pdf&lang=pt>.

**DSEI.** (2022). DSEI Leste de Roraima. Saúde Indígena. Acesso em Agosto 10, 2022, disponível em <https://saudeindigena1.websiteseuro.com/coronavirus/dsei/>

**EMERGÊNCIA INDÍGENA** (2023). Emergência Indígena. Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB). Acesso em Janeiro 31, 2023.

**ERBETTA, G.** (2021, Maio 15). Clima e Meio Ambiente na Cobertura Jornalística de Roraima. Observatório da Imprensa. Acesso em Agosto 10, 2022, disponível em <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/ecossistemas-de-informacao-da-amazonia/clima-e-meio-ambiente-na-cobertura-jornalistica-de-roraima/>

**FERNANDES, V., ARAÚJO, F., & OLIVEIRA, V.** (2021, Janeiro 19). Indígena macuxi É a Primeira Vacinada contra covid-19 em roraima: ‘Quero Ser Exemplo’. G1. Acesso em Julho 10, 2022, disponível em <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/01/19/indigena-macuxi-e-a-primeira-vacinada-contracovid-19-em-roraima.ghtml>

**G1.** (2020, Dezembro 8). Idosa de 90 Anos É a primeira a

## 18. REFERÊNCIAS

ser vacinada Contra covid-19 no Reino Unido. G1. Acesso em Outubro 10, 2022, disponível em <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2020/12/08/idos-a-de-90-anos-e-a-primeira-a-ser-vacinada-contr-a-covid-no-reino-unido.ghtml>

**G1.** (2021, Março 2). Brasil registra 1.726 mortes em 24 horas e Bate novo recorde na pandemia; total Chega a 257,5 mil. G1. Acesso em Outubro 10, 2022, disponível em <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/03/02/brasil-registra-1726-mortes-em-24-horas-e-bate-novo-recorde-na-pandemia-total-chega-a-2575-mil.ghtml>

**G1.** (2022, Junho 26). Mapa da Vacinação contra covid-19 no Brasil: Vacina. G1. Acesso em Outubro 10, 2022, disponível em <https://especiais.g1.globo.com/bemestar/vacina/2021/mapa-brasil-vacina-covid/>

**G1.** (2022, Setembro 14). Pandemia de Covid-19 Não Acabou, Mas FIM Está ao Alcance Das Mãos, diz diretor-geral da oms. G1. Acesso em Outubro 10, 2022, disponível em <https://g1.globo.com/saude/noticia/2022/09/14/pandemia-de-covid-19-nao-acabou-mas-fim-esta-ao-alcance-das-maos-diz-diretor-geral-da-oms.ghtml>

**GARZONI, E. DE, & BETHONICO, M. B.** (2019). Região E etnorregião – um olhar a partir da realidade dos Povos Indígenas de Roraima, Brasil. Caderno De Geografia, 29(2), 172–189. <https://doi.org/10.5752/p.2318-2962.2019v29n2p172-189>

**GUIMARÃES, L. M., & FERREIRA JÚNIOR, A.** (2020). Lutas Políticas Por Populações indígenas em roraima (Brasil) e o enfrentamento à Pandemia covid-19. Mundo Amazônico, 11(2), 223–243. <https://doi.org/10.15446/ma.v11n2.88715>

**HAMDAN, A. A., BRASIL, K., & COSTA, E.** (2020, Abril 17). Morre Jovem Yanomami Por Covid-19, Em Roraima, Diz Sesai. Amazônia Real. Acesso em Agosto 10, 2022,

disponível em <https://amazoniareal.com.br/morre-jovem-yanomami-por-covid-19-em-roraima-diz-sesai/>

**IBGE.** (2010). Os indígenas no censo demográfico 2010. IBGE indígenas. Acesso em Novembro 9, 2022, disponível em [https://indigenas.ibge.gov.br/images/indigenas/estudos/indigena\\_censo2010.pdf](https://indigenas.ibge.gov.br/images/indigenas/estudos/indigena_censo2010.pdf)

**IBGE.** (2019). Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2019. Pesquisa nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Acesso em Abril 2022, disponível em [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101794\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101794_informativo.pdf)

**IBGE.** (2019). IBGE Cidades. Cidades.ibge.gov.br. Acesso em Julho 10, 2022, disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rr/pesquisa/10092/82581?ano=2019&localidade1=140010>

**IBGE.** (2021). IBGE Cidades Panorama. Cidades.ibge.gov.br. Acesso em Novembro 9, 2022, disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rr/panorama>

**IBGE.** (2022). Projeção da População do Brasil e das unidades da federação. IBGE. Acesso em Junho 10, 2022, disponível em <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html>

**IDEC.** (2022). Acesso à Internet na Região Norte do Brasil. Idec. Acesso em Junho 10, 2022, disponível em [https://idec.org.br/arquivos/pesquisas-acesso-internet/idec\\_pesquisa-acesso-internet\\_acesso-internet-regiao-norte.pdf](https://idec.org.br/arquivos/pesquisas-acesso-internet/idec_pesquisa-acesso-internet_acesso-internet-regiao-norte.pdf)

**IEMA.** (2022, Outubro 18). Amazônia Legal: quem está sem energia elétrica. Instituto de Energia e Meio Ambiente (IEMA). Acesso em Maio 1, 2022, Disponível em: <https://energiaambiente.org.br/>

**IMAZON.** (2021). Fatos da Amazônia 2021. Amazônia

2030. Acesso em Junho 10, 2022, disponível em <https://amazonia2030.org.br/wp-content/uploads/2021/04/AMZ2030-Fatos-da-Amazonia-2021-3.pdf>

**IMUNIZAÇÃO INDÍGENA.** (2022). Imunização Indígena: Covid-19. Imunização Indígena | COVID-19. Acesso em Julho 10, 2022, disponível em [https://infoms.saude.gov.br/extensions/imunizacao\\_indigena/imunizacao\\_indigena.html](https://infoms.saude.gov.br/extensions/imunizacao_indigena/imunizacao_indigena.html)

**INESC.** (2022, Julho 15). Fundação Anti-indígena: Um retrato da Funai sob o Governo Bolsonaro. INESC. Acesso em Julho 20, 2022, disponível em <https://www.inesc.org.br/fundacao-anti-indigena-um-retrato-da-funai-sob-o-governo-bolsonaro/>

**INTERVOZES.** (2015, Novembro 24). Novo Alvo do MPF: Os Políticos Donos da Mídia. CartaCapital. Acesso em Agosto 10, 2022, disponível em <https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/novo-alvo-do-mpf-os-politicos-donos-da-midia-3650.html>

**INTERVOZES, C. (ED.).** (2017). Concentração Geográfica. Media Ownership Monitor. Acesso em Fevereiro 1, 2022, Disponível em: <http://brazil.mom-gmr.org/br/destaques/concentracao-espacial/>

**IPEA.** (2021). Atlas da Violência 2021. Ipea. Acesso em Novembro 9, 2022, disponível em <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes>

**IPS AMAZÔNIA.** (2021). IPS Amazônia. Acesso em Julho 2022, disponível em <https://ipsamazonia.org.br/publicacao>

**IPS.** (2021). Índice de Progresso Social Amazônia. Acesso em disponível em <https://ipsamazonia.org.br/publicacao>

**ISA.** (2022). COVID-19 e os povos indígenas. COVID. Acesso em Agosto 10, 2022, disponível em <https://covid19.socioambiental.org/>

## 18. REFERÊNCIAS

**ISA.** (2022). Yanomami sob ataque. Acesso em disponível em [https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/prov0491\\_1.pdf](https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/prov0491_1.pdf)

**KANTAR.** (2020, Março 11). Tempo Médio Consumido com TV Aumenta Entre os brasileiros. Kantar IBOPE Media. Acesso em Fevereiro 1, 2022, Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/tempo-medio-consumido-com-tv-aumenta-entre-os-brasileiros/>

**LAVOR, A. D.** (2021, Maio 1). Um norte (ainda) desconhecido. Radis Comunicação e Saúde. Acesso em Junho 1, 2022, Disponível em: <https://radis.ensp.fiocruz.br/index.php/home/reportagem/um-norte-ainda-desconhecido>

**LIMA, A., & MORAIS, V.** (2022). Um lugar de enunciação: a rede Wakywai de comunicação indígena em Roraima e o garimpo ilegal no contexto de pandemia. In M. Fernandes (Ed.), Comunicação, questão indígena e movimentos sociais: reflexões necessárias. essay, Editora da Universidade Federal do Amazonas.

**LIMA, Y. P. DE.** (2021, Dezembro). Impacto da Covid-19 Para os Povos Indígenas da Aldeia Boca da Mata - Roraima. Sur - Revista Internacional de Direitos Humanos. Acesso em Março 10, 2022, disponível em <https://sur.conectas.org/impacto-da-covid-19-para-os-povos-indigenas-da-aldeia-boca-da-mata-roraima/>

**LOBATO, E.** (2017, Fevereiro 1). TVs da Amazônia. Agência Pública. Acesso em Fevereiro 1, 2022, Disponível em: <https://apublica.org/tvsdaamazonia/>

**MANUAL DA CREDIBILIDADE.** (2021). Sistema de Indicadores de Credibilidade: Manual Da Credibilidade. Manual da Credibilidade. Acesso em Junho 10, 2022, disponível em <https://www.manualdacidadade.com.br/indicadores>

**MAPA DE CONFLITOS.** (2019, Abril 5). AM/RR - Direitos Indígenas E Territoriais do Povo Waimiri Atroari seguem Sendo desrespeitados E Violados. Mapa de Conflitos Envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil. Acesso em Novembro 9, 2022, disponível em <https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/am-rr-direitos-indigenas-e-territoriais-do-povo-waimiri-atroari-seguem-endo-desrespeitados-e-violados/>

**MATHIEU, E., RITCHIE, H., RODÉS-GUIRAO, L., APPEL, C., GIATTINO, C., HASELL, J., MACDONALD, B., DATTANI, S., BELTEKIAN, D., ORTIZ-OSPINA, E., & ROSER, M.** (2020, Março 5). Brazil: Coronavirus pandemic country profile. Our World in Data. Acesso em Agosto 10, 2022, disponível em <https://ourworldindata.org/coronavirus/country/brazil#confirmed-cases>

**MERLINO, T.** (2021, Abril 15). Militares e indicados Políticos Ocupam saúde indígena E agravam crise sanitária. Repórter Brasil. Acesso em Setembro 10, 2022, disponível em <https://reporterbrasil.org.br/2021/04/coordenador-armado-cloroquina-e-desvio-de-verba-para-covid-militares-e-indicados-politicos-ocupam-saude-indigena-e-agravam-crise-sanitaria/>

**MINISTÉRIO DA SAÚDE.** Informes Técnicos. Boletins Epidemiológicos. Populações Indígenas. Acesso em Janeiro 31, 2023, disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/informes-tecnicos>

**MINISTÉRIO DA SAÚDE. VACINÔMETRO COVID-19.** Painel. Acesso em Janeiro 31, 2023, disponível em: [https://infoms.saude.gov.br/extensions/DEMAS\\_C19\\_Vacina\\_v2/DEMAS\\_C19\\_Vacina\\_v2.html](https://infoms.saude.gov.br/extensions/DEMAS_C19_Vacina_v2/DEMAS_C19_Vacina_v2.html)

**MOISÉS, A.** (2021, Outubro 11). Estudo Mostra Que Vacinas reduzem 90% Risco de Morte por covid-19. Agência Brasil. Acesso em Outubro 20, 2022, disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/saude/>

[audio/2021-10/estudo-mostra-que-vacinas-reduzem-90-risco-de-morte-por-covid-19](https://www.observatoriodaimprensa.com.br/ecossistemas-de-informacao-da-amazonia/projeto-ecossistemas-de-informacao-na-amazonia-ganha-versao-em-e-book/audio/2021-10/estudo-mostra-que-vacinas-reduzem-90-risco-de-morte-por-covid-19)

**MONTEL, A. L.** (2021, Abril 9). Um ano de pandemia: Sem Assistência Psicológica Para Indígenas. Amazônia Real. Acesso em July 10, 2022, disponível em <https://amazoniareal.com.br/um-ano-de-pandemia-sem-assistencia-psicologica-para-indigenas/>

**NARRATIVAS ANCESTRAIS.** (2022). Cobertura da Imprensa. Narrativas Ancestrais. Acesso em September 10, 2022, disponível em <http://www.amoreira.info/narrativasancestrais/08-cobertura-da-imprensa>

**OBIND.** (2021, Outubro 8). Em parceria com o cir jornalistas indígenas de roraima produzem informativos sobre a covid-19 e vacinação no combate às fake news. OBIND. Acesso em September 10, 2022, disponível em <http://obind.eco.br/2021/10/07/cir-em-parceria-com-o-cir-jornalistas-indigenas-de-roraima-produzem-informativos-sobre-a-covid-19-e-vacinacao-no-combate-as-fake-news/>

**OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA.** (2021, July 19). Ecossistemas de informação na amazônia. Observatório da Imprensa. Acesso em Junho 10, 2022, disponível em <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/ecossistemas-de-informacao-da-amazonia/projeto-ecossistemas-de-informacao-na-amazonia-ganha-versao-em-e-book/>

**OLIVEIRA, J.** (2021, Março 25). 'chip do diabo' e medo de ser cobaia Afastam Indígenas da Vacina contra a COVID-19. El País Brasil. Acesso em July 10, 2022, disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-03-25/chip-do-diabo-e-medo-de-ser-cobaia-afastam-indigenas-da-vacina-contra-a-covid-19.html>

**PEREIRA, M. C. DA S., & MORAIS, V. M. I. DE.** (2016). Estratégias de Comunicação e Etnojornalismo no Conselho Indígena de Roraima. Boa Vista; Intercom. Acesso em

## 18. REFERÊNCIAS

Outubro 2022, disponível em <https://www.portalintercom.org.br/anais/norte2016/resumos/R49-0603-1.pdf>.

**SAÚDE INDÍGENA.** (2022). Saúde Indígena. Acesso em Agosto 10, 2022, disponível em <http://www.saudeindigena.net.br/coronavirus/mapaEp.php>

**SOUZA, J.** (2020, Agosto 21). Lideranças históricas na Raposa Serra do Sol estão entre as Vítimas da Covid-19. Amazônia Real. Acesso em Agosto 10, 2022, disponível em <https://amazoniareal.com.br/liderancas-historicas-na-raposa-serra-do-sol-estao-entre-as-vitimas-da-covid-19/>

**SUSUI, A., & ALMEIDA, N.** (2021, Outubro 23). Em Meio a pandemia da covid-19, Garimpo Cresce E ameaça a vida dos povos indígenas de roraima - cir - conselho indígena de roraima. Conselho Indígena de Roraima. Acesso em September 10, 2022, disponível em <https://cir.org>.

[br/site/2021/10/23/em-meio-a-pandemia-da-covid-19-garimpo-cresce-e-ameaca-a-vida-dos-povos-indigenas-de-roraima/](https://www.portalintercom.org.br/site/2021/10/23/em-meio-a-pandemia-da-covid-19-garimpo-cresce-e-ameaca-a-vida-dos-povos-indigenas-de-roraima/)

**TERRAS INDÍGENAS.** (2022). Terras Indígenas - Brasil. Terras Indígenas no Brasil. Acesso em Novembro 9, 2022, disponível em <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/brasil>

**TERSO, T.** (2022b, Setembro 27). Políticos Donos da Mídia violam a constituição e fragilizam a Democracia. Le Monde Diplomatique. Acesso em Setembro 2022, Disponível em: <https://diplomatique.org.br/politicos-donos-da-midia-violam-a-constituicao-e-fragilizam-a-democracia/> **IMAZON, 2021**

**TOKARSKI, M.** (2022, Março 14). Vacina Reduz em Até 25 vezes o risco de morte por covid, Dizem Dados de sp. Exame. Acesso em Outubro 10, 2022, disponível em <https://>

[exame.com/bussola/vacina-reduz-em-ate-25-vezes-o-risco-de-morte-por-covid-dizem-dados-de-sp/](https://www.portalintercom.org.br/exame.com/bussola/vacina-reduz-em-ate-25-vezes-o-risco-de-morte-por-covid-dizem-dados-de-sp/)

**IHU UNISINOS.** (2019, Abril 10). Indígenas de Roraima formam grupos de vigilância para proteção do território. Ihu Unisinos. Acesso Fevereiro 13, 2023, disponível em <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/588269-indigenas-de-roraima-formam-grupos-de-vigilancia-para-protecao-do-territorio>

**VILELA, P. R.** (2022, Setembro 30). Covid-19: Brasil registra 51 mortes e 9,5 mil casos em 24 horas. Agência Brasil. Acesso em Outubro 10, 2022, disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2022-09/covid-19-brasil-registra-51-mortes-e-95-mil-casos-em-24-horas>

# 19. CRÉDITOS E RECONHECIMENTOS

## EQUIPE

### PESQUISA, ANÁLISE E TEXTO

**Valentina Calado Pompermaier**

(INTERNEWS, PESQUISADORA)

### REVISÃO

**Xiomara Huni-Carston**

(INTERNEWS, PESQUISADORA ESPECIALISTA)

**Heber Costa**

(INTERNEWS, GERENTE REGIONAL)

**Isadora Starling**

(INTERNEWS, GERENTE DO PROJETO)

**Paloma Monteiro**

(INTERNEWS, PESQUISADORA)

**João Guilherme B. dos Santos**

(INTERNEWS, ANALISTA DE DADOS)

**Bryan Chrystian Araújo**

(INTERNEWS, MENTOR DE MÍDIA)

**Ney Maciel**

(IEB)

**Luana Luizy**

(IEB)

### CONDUÇÃO DAS ENTREVISTAS EM CAMPO

#### COMUNICADORES DA REDE WAKYWAI

**Adysson Cristian Lucas da Silva**

**Charleni Cruz Galdino**

**Cheila Manoel Carlos**

**Eriene Henrique Oliveira**

**Gessica da Silva Alves**

**Ester Macuxi**

**Flávio da costa Teixeira**

**Nayara da Silva de Souza**

**Gessica Alves**

### ORGANIZAÇÃO E APOIO NOS GRUPOS FOCAIS

**Valentina Calado Pompermaier**

(INTERNEWS, PESQUISADORA)

**Bryan Chrystian Araújo**

(INTERNEWS, MENTOR DE MÍDIA)

**Julhy Van Den Berg**

(INTERNEWS, CRIADORA DE CONTEÚDO)

**Luana Luizy**

(IEB)

**Miguel Haru**

(IEB)

### ILUSTRAÇÕES E DIAGRAMAÇÃO

**Julhy Van Den Berg**

(INTERNEWS, CRIADORA DE CONTEÚDO)

**Ganaëlle Tilly**

(INTERNEWS, DESIGNER GRÁFICO ESPECIALISTA)

Este estudo foi produzido no âmbito do projeto Enraizado na Confiança, desenvolvido pela Internews no Brasil em parceria com o Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB), em 2022.

# 20. ANEXOS

**TABELA 1: COMPOSIÇÃO DOS GRUPOS FOCAIS CONDUZIDOS**

ETNORREGIÕES ENVOLVIDAS	TOTAL
CIFCRIS, Raposa	8
Tabaio, Surumu, Serra da Lua, Amajari	10
Murupu, Baixo Cotingo, Serras	9
<b>TOTAL</b>	<b>27</b>

**TABELA 2: TELEVISÃO EM RORAIMA**

PRINCIPAIS RETRANSMISSORAS DE TV DE RORAIMA	PROGRAMAS LOCAIS DE CARÁTER JORNALÍSTICO OU POLICIAL (FONTE: ATLAS DE NOTÍCIAS)	FILIAÇÃO
	Jornal de Roraima (2 edições diárias)	
	Mete Bronca Cidade Alerta RR	
	Roraima Urgente Roraima em Dia	
	(Não possui programação local)	

**TABELA 3: RÁDIO EM RORAIMA**

PRINCIPAIS RÁDIOS	PROGRAMAS COM NOTÍCIAS LOCAIS E NACIONAIS
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A Voz dos Povos Indígenas</li> <li>• Jornal Brasil Hoje</li> <li>• Jornal Amazônia é Notícia</li> <li>• Monte Roraima Notícias</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Café com Notícias”</li> <li>• “Rádio Verdade”</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Bom Dia Roraima</li> <li>• Jornal 100.3</li> </ul>
	(Nenhum identificado)

TABELA 4: PORTAIS DE NOTÍCIAS

PRINCIPAIS PORTAIS DE NOTÍCIAS LOCAIS MAPEADOS	REDES SOCIAIS E SEGUIDORES
Folha de Boa Vista	 87,6 mil seguidores
Roraima em Tempo	 26 mil seguidores
Roraima 1	 19,7 mil seguidores
G1 Roraima	 16,8 mil seguidores
Roraima na Rede	 2.071 seguidores
Correio do Lavrado	 1.101 seguidores
Jornal Roraisul	 500 seguidores
Rede Amazon	 426 seguidores
Roraima em Foco	Não possui redes sociais
Dados sobre os seguidores das redes sociais consultados em 30/06/2022.	



**USAID**  
FROM THE AMERICAN PEOPLE



**Internews**



**Enraizado  
na Confiança**

A Internews é uma organização internacional sem fins lucrativos que empodera pessoas ao redor do mundo com informações confiáveis e de qualidade necessárias para que possam tomar para si o compromisso de participar atividade de suas comunidades tomando decisões bem informadas.

[www.INTERNEWS.org](http://www.INTERNEWS.org)